



ACADEMIA MILITAR

A CINOTECNIA NO EXÉRCITO PORTUGUÊS PARA O SÉCULO XXI, NOVOS CENÁRIOS, NOVOS DESAFIOS

**ASPIRANTE-ALUNO DE INFANTARIA JOÃO PEDRO SILVA
SOUSA**

Orientador: Capitão Veterinário André Filipe Ferreira Dias Pereira da Fonseca

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, Agosto 2012



ACADEMIA MILITAR

A CINOTECNIA NO EXÉRCITO PORTUGUÊS PARA O SÉCULO XXI, NOVOS CENÁRIOS, NOVOS DESAFIOS

**ASPIRANTE-ALUNO DE INFANTARIA JOÃO PEDRO SILVA
SOUSA**

Orientador: Capitão Veterinário André Filipe Ferreira Dias Pereira da Fonseca

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, Agosto 2012

Dedicatória

Aos meus Pais e Namorada pelo tempo que não vos dediquei
Em memória do meu querido Tio.

Agradecimentos

Ao Capitão André Fonseca pela sua grande disponibilidade para orientar o meu trabalho, pela sua constante preocupação em recolher e esclarecer toda a informação sobre a realidade cinotécnica, pelo tempo despendido e por esclarecer todas as dúvidas que surgiram durante a realização do trabalho.

À Academia Militar e a todos os que nela servem, pela sua formação e por me terem feito crescer.

Ao Grupo de Intervenção Cinotécnico da GNR pela sua disponibilidade em me receber, enriquecer o meu conhecimento e dar o seu contributo pelas entrevistas.

Ao Tenente Coronel Victor Cipriano, Diretor de Curso de Infantaria, pela sua constante preocupação em entregar atempadamente os documentos solicitados.

Ao Tenente Coronel Carlos Almeida pela disponibilidade demonstrada, pela ajuda em desenvolver os primeiros conhecimentos sobre o meu trabalho e pelo seu contributo na entrevista.

Ao Subcomissário Ângelo Araújo por aceder em responder à entrevista e pelo seu contributo para o enquadramento da realidade do Grupo Operacional Cinotécnico da PSP

Ao 1º Sargento Alexandre Bragança e ao 1º Sargento Samuel Baptista pela sua grande disponibilidade

Ao 1º Sargento Nuno Benedito pela sua inteira disponibilidade e contributo na apresentação da realidade cinotécnica da Força Aérea Portuguesa, em particular da BA6.

À Professora Margarida Solheiro pela sua amizade e completa disponibilidade na revisão do trabalho.

À minha família e namorada por estarem sempre presentes no meu percurso, terem feito tudo para que nada me faltasse e por me terem feito crescer como pessoa.

Resumo

O Trabalho de Investigação Aplicada versa sobre o tema *A Cinotecnia no Exército Português para o Século XXI, Novos Cenários, Novos Desafios*, a partir do qual foram levantadas questões envolventes, de modo a saber que contributo poderá dar a cinotecnia ao Exército.

O trabalho encontra-se dividido essencialmente em duas partes, sendo a primeira a revisão bibliográfica; e a segunda metodologia e procedimentos, apresentação, análise e discussão de resultados, e conclusões.

A revisão bibliográfica está vocacionada para os cães, as suas características, o emprego no âmbito militar, nomeadamente no Exército dos Estados Unidos e, nos Paraquedistas e na Polícia do Exército, em Portugal.

A metodologia usada para este trabalho foi baseada no “Manual de Investigação Aplicada em Ciências” da autoria de Raymond Quivy e Luc Campenhoudt, no “Guia Prático sobre a Metodologia Científica para a elaboração, Escrita e Apresentação de Teses de Doutoramento, Dissertações de Mestrado e Trabalhos de Investigação Aplicada” da autoria de Manuela Sarmiento e no “Manual de Investigação em Educação” da autoria de Bruce Tukman.

Os resultados foram obtidos com recurso a entrevistas estruturadas com perguntas iguais para todos os entrevistados (pertencentes ou que tenham pertencido à cinotecnia em Portugal), analisando-as estatisticamente. A discussão dos resultados é feita tendo em consideração os resultados obtidos nas entrevistas e na análise bibliográfica.

Como conclusões acerca da investigação podemos afirmar que a cinotecnia é um contributo eficiente para a resolução de tarefas/situações nos Teatros de Operações. Contudo, no Exército Português não existe qualquer norma sobre o emprego ou treino operacional ou sobre o uso da força com os cães, ficando limitado ao descrito nas capacidades dos quadros orgânicos das unidades que os detêm.

Palavras-Chave: Cinotecnia, Cão, Exército, Entrevistas, Contributo

Abstract

This Applied Research is about *Working Dogs in the Portuguese Army for the XXI Century, New Scenarios, New Challenges*, from which were raised evolving questions as a way of knowing how may Working Dogs contribute to the Portuguese Army.

This paperwork is essentially divided in two parts, being the first one the bibliography revision. The second part is methods and procedures, presentation, analysis and result, discussion and finally conclusions.

The bibliography revision is directed towards dogs, their skills, their use on military actions, specifically in the United States Army, and in the Portuguese Army's Airborne Troops and Military Police.

The methodology used in this paperwork is based on the "Manual de Investigação Aplicada em Ciências", from Raymond Quivy and Luc Campenhoudt, on the "Guia Prático sobre a Metodologia Científica para a elaboração, Escrita e Apresentação de Teses de Doutoramento, Dissertações de Mestrado e Trabalhos de Investigação Aplicada", from Manuela Sarmiento and on the "Manual de Investigação em Educação", from Bruce Tukman.

The results were obtained using structured interviews, with the same questions being posed to every interviewee (working or that have worked in the past with military working dogs in Portugal), and then statistically analyzed. The result discussion is made considering both the results of the interviews and the bibliography revision.

As a conclusion we can claim that military working dogs are an efficient mean for the resolution of the tasks or situations encountered in different operation scenarios.

However, there is no official regulation for the employment, training or use of force with military working dogs in the Portuguese Army, being limited to the capabilities described on the organics of the units with MWDs.

Key-Words: Working Dogs, Dogs, Army, Interview, Contribution

Índice geral

Dedicatória.....	ii
Agradecimentos	iii
Resumo	iv
Abstract.....	v
Índice geral	vi
Índice de figuras	ix
Lista de anexos	x
Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos	xi
Capítulo 1 - Introdução.....	1
1.1. Enquadramento/ Contextualização da investigação	1
1.2. Justificação do tema.....	2
1.3. Metodologia.....	3
1.4. Delimitação da investigação	5
1.5. Enunciado e estrutura do trabalho	5
Capítulo 2 - Revisão da Literatura	7
2.1. O Cão	7
2.2. O Cão Militar	9
2.3. Funções dos Cães Militares	12
2.4. Os cães no US Army.....	15
2.5. Os Cães no Exército Português.....	17
2.5.1. Escola de Tropas Pára-Quedistas	18
2.5.2. Polícia do Exército	20

Capítulo 3 - Metodologia e procedimentos	22
3.1. Método de abordagem ao problema.....	22
3.2. Técnicas, procedimentos e meios utilizados.....	23
3.3. Amostragem.....	24
3.4. Descrição dos materiais e instrumentos utilizados	25
Capítulo 4 - Apresentação, análise e discussão dos resultados	26
4.1. Apresentação e análise de resultados.....	26
4.1.1. Apresentação e análise da questão nº 1	26
4.1.2. Apresentação e análise da questão nº 2.....	28
4.1.3. Apresentação e análise da questão nº 3.....	30
4.1.4. Apresentação e análise da questão nº 4.....	31
4.1.5. Apresentação e análise da questão nº 5.....	33
4.1.6. Apresentação e análise da questão nº 6.....	34
4.1.7. Apresentação e análise da questão nº 7.....	35
4.1.8. Apresentação e análise da questão nº 8.....	36
4.1.9. Apresentação e análise da questão nº 9.....	37
4.2. Discussão de resultados	38
4.2.1. Discussão de resultados da questão nº 1	39
4.2.2. Discussão de resultados da questão nº 2	39
4.2.3. Discussão de resultados da questão nº 3	40
4.2.4. Discussão de resultados da questão nº 4	40
4.2.5. Discussão de resultados da questão nº 5	41
4.2.6. Discussão de resultados da questão nº 6	411
4.2.7. Discussão de resultados da questão nº 7	422
4.2.8. Discussão de resultados da questão nº 8	422
4.2.9. Discussão de resultados da questão nº 9	433
Capítulo 5 - Conclusões e Recomendações	444
5.1. Conclusões.....	444
5.1.1. Resposta às perguntas derivadas	444
5.1.2. Resposta à pergunta de partida.....	455
5.2. Recomendações	466

Capítulo 6 - Bibliografia	477
Apêndices	APE A1
Apêndice A – Guião de Entrevista	APE A1
Apêndice B - Resumo das Respostas à Questão nº 1	APE B1
Apêndice C - Resumo das Respostas à Questão nº2	APE C1
Apêndice D - Resumo das Respostas à Questão nº3	APE D1
Apêndice E - Resumo das Respostas à Questão nº4	APE E1
Apêndice F - Resumo das Respostas à Questão nº5.....	APE F1
Apêndice G - Resumo das Respostas à Questão nº6	APE G1
Apêndice H - Resumo das Respostas à Questão nº7	APE H1
Apêndice I - Resumo das Respostas à Questão nº8.....	APE I1
Apêndice J - Resumo das Respostas à Questão nº9	APE J1
Apêndice K - Lista de Entrevistados	APE K1
Apêndice L – Matriz de Análise das Entrevistas.....	APE L1
Anexos.....	ANE A1
Anexo A – Procedimento Científico	ANE A1

Índice de figuras

Figura nº 1 – Organigrama da SecCaesGuerra.....	19
Figura nº 2 – Organigrama da Secção Cinotécnica PE.....	20
Figura nº 3 – Apresentação dos resultados da questão nº 1.....	29
Figura nº 4 – Apresentação dos resultados da questão nº 2 (vantagens).....	30
Figura nº 5 – Apresentação dos resultados da questão nº 2 (desvantagens).....	31
Figura nº 6 – Apresentação dos resultados da questão nº 3.....	32
Figura nº 7 – Apresentação dos resultados das especializações.....	32
Figura nº 8 – Apresentação dos resultados da questão nº 4.....	33
Figura nº 9 – Apresentação dos resultados da questão nº 5.....	35
Figura nº 10 – Apresentação dos resultados da questão nº 6.....	36
Figura nº 11 – Apresentação da justificação da questão nº 6.....	37
Figura nº 12 – Apresentação dos resultados da questão nº 7.....	38
Figura nº 13 – Apresentação dos resultados da questão nº 8.....	39
Figura nº 14 – Apresentação dos resultados da questão nº 9.....	40
Figura nº 15 – Os atos e etapas do procedimento.....	ANE A

Lista de Apêndices e Anexos

Apêndices	APE A1
Apêndice A – Guião de Entrevista	APE A1
Apêndice B - Resumo das Respostas à Questão nº 1	APE B1
Apêndice C - Resumo das Respostas à Questão nº2	APE C1
Apêndice D - Resumo das Respostas à Questão nº3	APE D1
Apêndice E - Resumo das Respostas à Questão nº4	APE E1
Apêndice F - Resumo das Respostas à Questão nº5.....	APE F1
Apêndice G - Resumo das Respostas à Questão nº6	APE G1
Apêndice H - Resumo das Respostas à Questão nº7	APE H1
Apêndice I - Resumo das Respostas à Questão nº8.....	APE I1
Apêndice J - Resumo das Respostas à Questão nº9	APE J1
Apêndice K - Lista de Entrevistados	APE K1
Apêndice L – Matriz de Análise das Entrevistas.....	APE L1
Anexos	ANE A1
Anexo A – Procedimento Científico	ANE A1

Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

AM	Academia Militar
BA6	Base Aérea nº6
BAI	Brigada Aerotransportada Independente
BCP	Batalhão de Caçadores Pára-quedistas
BOAT	Batalhão Operacional Aeroterrestre
CRO	Crisis Response Operation
CS	Companhia de Serviços
CTCFA	Centro de Treino Cinotécnico da Força Aérea
DoD	Department of Defense
ETP	Escola de Tropas Pára-quedistas
UE	União Europeia
EUA	Estados Unidos da América
FA's	Forças Armadas
FAP	Força Aérea Portuguesa
FND	Forças Nacionais Destacadas
GNR	Guarda Nacional Republicana
IED	Improvised Explosive Device
JFCL	Joint Force Command Lisbon
MWD	Military Working Dog
NBQR	Nuclear, Biológico, Químico e Radioativo
NEP	Norma de Execução Permanente
OTAN/NATO	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PA	Polícia Aérea
PE	Polícia do Exército
PSP	Polícia de Segurança Pública
SecCaesGuerra	Secção de Cães de Guerra
SNPC	Serviço Nacional de Proteção Civil
U/E/A	Unidade, Estabelecimento ou Órgão

US

United States

USHE

Unidade de Segurança e Honras de Estado

Capítulo 1

Introdução

1.1. Enquadramento/ Contextualização da investigação

A raça canina constitui um grande contributo para a qualidade de vida do ser humano, razão pela qual, ao longo do tempo, tem vindo a ser investigada. Aproveitando as suas capacidades para vários fins, os cães foram, até hoje, usados para uma variedade de tarefas, tais como: para o combate, em múltiplas missões, como animais de estimação, como meio de tração (trenós), entre outras. (Allsop, 2011)

Como mero companheiro ou também no âmbito de trabalho, a valorização do cão, nas nossas vidas, oscila entre o conceito de verdadeiro herói e um tratamento de autêntico desprezo.

Antes da descoberta da pólvora, os cães tinham uma grande importância em combate. No tempo dos gregos e romanos usavam-se os cães de grande porte, equipados com colares de espinhos, para atacar o inimigo na linha da frente. Na Idade Média, os cães de guerra eram equipados com armaduras e, geralmente, usados para defender as habitações sobre rodas (Allsop, 2011).

Mais recentemente, durante a Guerra Russo-Japonesa, que teve início em 1904 e término em 1905, os cães foram utilizados como cães ambulância. Os búlgaros e os italianos usavam-nos como sentinelas nos Balcãs e em Trípoli. Foram ainda usados na deteção de explosivos, como cães de guia, para tração, para guardas e animais de estimação (Allsop, 2011).

O uso exclusivo, no passado, de cães de combate, fez com que, ao longo do tempo, os cães ganhassem um grande reconhecimento e prestígio no serviço militar. Isto levou a que se empenhassem os cães, nomeadamente a nível da segurança, principalmente nas fronteiras, em patrulhas de segurança de perímetros, na deteção de explosivos, e outras tarefas, de modo a prevenir possíveis atentados à segurança pública. Como na atualidade as alterações climáticas são mais bruscas e cada vez menos previsíveis, havendo probabilidade de catástrofes naturais, o papel do cão retoma importância na busca e

salvamento, satisfazendo solicitações também de carácter Humanitário (Nacional e Internacional).

Na atualidade, o uso dos cães nas Forças Armadas de todo Mundo é encarado como uma mais-valia nos Teatros de Operações, tanto para o sucesso das operações, como para elevar a moral das forças.

Em território nacional, e após a extinção do serviço militar obrigatório, existiu uma diminuição brusca do nível operacional das unidades, o que afetou U/E/O.

Hoje, o uso dos cães no âmbito militar está descrito nos Quadros Orgânicos das Unidades com cães, onde é abordada a existência dos cães e as suas tarefas, nomeadamente de patrulha e de busca e deteção de explosivos, impondo-se a cinotecnia militar como uma mais-valia, no Exército e nas Forças Armadas Portuguesas. No entanto, a perspetiva sobre o uso dos cães podia ser alargada, no seu efetivo e nas suas utilizações operacionais, pois já foram verificadas capacidades para isso, e ainda porque, já foi demonstrado, um cão pode fazer um serviço de guarda substituindo com vantagem três a oito homens.

1.2. Justificação do tema

A deteção do odor humano sempre esteve associada ao empenho dos cães nas forças Paraquedistas, quer na guarda de instalações, quer no seguimento de rastros, quer na vertente de exploração. Numa fase posterior, e com a evolução, o faro dos cães foi utilizado na deteção de estupefacientes e explosivos, nunca para isso desprezando o seu principal objetivo, a guarda e a segurança das instalações ou pontos sensíveis.

Os Paraquedistas têm participado em missões no estrangeiro, como unidades constituídas de forças aerotransportadas, cujo papel principal se tem inserido na manutenção da paz e no apoio às populações. A defesa de pontos sensíveis, de infraestruturas e o controlo de checkpoints pode ser reforçada com a presença canina, otimizando a presença de forças humanas e, eventualmente, diminuindo o efetivo a empenhar sem quebra da segurança. A nível interno, o uso dos cães nas Tropas Paraquedistas restringe-se à segurança de instalações e demonstrações para divulgação.

O Regimento de Lanceiros 2 também possui duas secções cinotécnicas com a mesma finalidade (uma em cada esquadrão PE), usadas para patrulhamentos gerais, deteção de armas e explosivos e cães de guarda/sentinela.

A Guarda Nacional Republicana, pioneira na Busca e Salvamento em Portugal, fruto da experiência acumulada e dos meios afetos a esta especialização tem, num passado recente, participado, com relevantes resultados, em ações de âmbito policial nas fronteiras da União Europeia, para deteção de emigrantes clandestinos. Sendo esta Força de Segurança de cariz militar a origem da formação que num passado recente tem contribuído para impulsionar a Cinotecnia no Exército Português, poderia ser aproveitada a ligação para se especializarem alguns binómios da Secção de Cães de Guerra, da Companhia de Serviços, do Batalhão Operacional Aeroterrestre, da Escola de Tropas Para-quedistas (SecCaesGuerra/CS/BOAT/ETP), ou binómios da Secção Cinotécnica do Regimento de Lanceiros 2 (SecCino/RL2) nesta vertente?

É oportuno, no âmbito das restrições atuais, pensar em utilizar o Centro de Instrução Cinófila da PA como um centro de formação comum a todos os ramos das Forças Armadas, economizando meios e recursos?

É possível colaborar com a Polícia de Segurança Pública que possui experiência notável e reconhecida?

Poderiam os binómios, para além desta missão específica, estar preparados para intervir em auxílio das populações perante cenários de catástrofe?

1.3. Metodologia

A realização deste trabalho de investigação tem como objetivo geral estudar a doutrina de empenhamento dos cães de guerra da Secção Cinotécnica dos Paraquedistas e da Polícia do Exército, com especial acuidade para a defesa de pontos sensíveis, a deteção de pessoas, armamento e explosivos, e eventual interesse nesta especialização.

Os objetivos mencionados partem do pressuposto que, de acordo com as missões das forças armadas, existe a possibilidade de uma atuação conjunta e possivelmente também combinada, tanto em território nacional como internacional, este último referente a FND's.

De acordo com a metodologia de investigação em ciências sociais, o procedimento científico é um processo de três atos constituídos por sete etapas, sendo eles a ruptura, a construção e a verificação (Quivy & Campenhoudt, 1995). A ruptura “[...] consiste precisamente em romper com os preconceitos e as falsas evidências, que somente nos dão a ilusão de compreendermos as coisas.” (Quivy & Campenhoudt, 1995, p. 26). A

construção consiste no levantamento de “[...] proposições explicativas do fenómeno a estudar e prever qual o plano de pesquisa a definir, as operações a aplicar e as consequências que logicamente devem esperar-se no termo da observação.” (Quivy & Campenhoudt, 1995, pp. 26,28). Por último, a verificação que aponta para que “Uma proposição só tem direito ao estatuto científico na medida em que pode ser verificada pelos factos.” (Quivy & Campenhoudt, 1995, p. 28) (Ver **Anexo A**). Estando de acordo com este autor, foi construída uma pergunta de partida para esta investigação científica que é a seguinte: *Que contributo poderá dar a Cinotecnia para os novos desafios que se impõem ao Exército Português?*

Definida a pergunta de partida, está traçado um caminho orientador para o qual se utilizam os métodos e procedimentos adequados, para apresentar uma resposta à problemática em análise.

Na quarta etapa do procedimento científico são definidas as perguntas derivadas associadas à pergunta central, que a pretendem complementar, as quais vão ser respondidas durante a investigação (Quivy & Campenhoudt, 1995), sendo elas:

1. Cinotecnia. Necessidade ou (des)ilusão?
2. Novas especializações ou adaptação das atuais?
3. Vantagens e desvantagens?
4. Poderia ser aproveitada ligação com a GNR para se especializarem alguns binómios da Secção de Cães de Guerra da Companhia de Serviços do Batalhão Operacional Aeroterrestre da Escola de Tropas Para-quedistas (SecCãesGuerra/CS/BOAT/ETP), na vertente da Busca e Salvamento e deteção de emigrantes clandestinos nas fronteiras, para aplicação em missões do Exército Português?
5. Poderia ser aproveitado o Centro de Instrução Cinófila da PA sediado em Ovar para formar as unidades cinotécnicas do Exército, minimizando meios e recursos?
6. Os binómios da Secção de Cães de Guerra poderiam estar preparados para intervir em auxílio das populações perante cenários de catástrofe?

Para responder a estas questões, são utilizadas técnicas e métodos, como análise documental, dados e entrevistas cujos destinatários serão militares distribuídos essencialmente por duas grandes áreas: militares cinotécnicos (do Exército, da Guarda Nacional Republicana e Força Aérea), PSP e militares que tenham participado em missões no estrangeiro que incluam forças cinotécnicas.

1.4. Delimitação da investigação

No presente trabalho de investigação e, perante um tema bastante abrangente, existe a necessidade de delimitar a investigação. Por isso, esta investigação foi circunscrita a 9 elementos pertencentes à Secção de Cães de Guerra da Companhia de Serviços do Batalhão Operacional Aeroterrestre, 5 elementos do Pelotão Cinófilo da Polícia Aérea sediado na Base Aérea nº6 (Montijo), 4 elementos do Grupo de Intervenção Cinotécnico da Unidade de Intervenção da GNR, um elemento do Grupo de Especialidades do Grupo Operacional Cinotécnico da PSP e um elemento da Unidade de Segurança e Honras de Estado em missão no Afeganistão. Não foram entrevistados elementos da SecCino/RL2 por se encontrarem em formação para missão de Polícia Militar sem cão no Afeganistão.

1.5. Enunciado e estrutura do trabalho

Este trabalho obedece à estrutura apresentada no Anexo F à NEP 520/DE/30JUN2011/AM (2011), a qual tem por objetivo uniformizar e regulamentar a redação do Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada. Assim, este trabalho é composto por 5 capítulos:

No Capítulo 1, *Introdução*, é feita uma apresentação geral do trabalho, dando a conhecer ao leitor um enquadramento da investigação, o seu objetivo e a metodologia associada.

O Capítulo 2, referente à *Revisão da Literatura*, apresenta o que diz respeito à informação teórica do estudo a realizar, abordando o cão, sua utilização nas Forças Armadas, as funções que desempenha, e a sua orgânica no Exército.

O Capítulo 3, *Metodologia e Procedimentos*, está de acordo com a componente prática da investigação, e são abordados os métodos e procedimentos empregues na investigação, para a obtenção de informações, a fim de realizar a análise e resolução da problemática em estudo.

O Capítulo 4, *Apresentação, Análise e Discussão de Resultados*, é dedicado a essa atividade para posterior discussão.

O Capítulo 5, *Conclusões e Recomendações*, refere-se à apresentação das respostas às questões levantadas pela investigação, que por sua vez são sustentadas pelos resultados obtidos no Capítulo 4. Contudo e no que diz respeito às recomendações, são propostas temáticas subsequentes a investigar.

Capítulo 2

Revisão da Literatura

2.1. O Cão

O cão, cujo nome científico é *Canis familiaris*, é o mamífero que há mais tempo foi domesticado pelo ser humano, tendo surgido há mais de 100 mil anos. Com o passar dos anos, o ser humano realizou uma seleção artificial dos cães, escolhendo aqueles com as características físicas, comportamentos e aptidões mais desejadas. Assim, surgiu um vasto número de raças, que variam entre si, de acordo com a sua fisionomia e capacidades. (Macpherson, Meslin, & I.Wandeler, 2000)

A origem do cão, de acordo com os dados atuais, remonta a milhares de anos atrás, admitindo-se que este é proveniente do lobo e a partir daí é que se fez a seleção dos exemplares mais desejados pelo Homem (Dinets, 2007).

Os cães possuem várias características que os tornam extremamente úteis para o homem, tais como o olfato, audição e a facilidade de aprendizagem. Em aproveitamento destas particularidades, o cão foi ensinado a executar várias tarefas, tais como, pastor de rebanhos, cão de caça e cão de guarda, desde os primórdios (Allsop, 2011).

Apesar da domesticação e do cruzamento seletivo, os cães mantiveram as suas habilidades sensoriais, tais como, o olfacto, a audição, a visão, o tacto e o paladar, habilidades essas que podem ser e são aproveitadas, de modo a realizar as várias tarefas de interesse humano com o melhor proveito para o último (Tausz, 1997).

O olfato canino é significativamente mais sensível que o do ser humano, pois o primeiro possui uma membrana nasal maior e consecutivamente um maior número de recetores e, quanto maior o focinho do animal, maior será a sua capacidade olfativa. A humidade também é um fator que influencia o olfato, pois funciona como um “autocolante” de moléculas. Depois de o cão cheirar, é transmitida a informação ao cérebro, onde é guardada na memória olfativa, memória essa que permite ao cão reconhecer os lugares, objetos e pessoas, o que justifica a sua utilidade na deteção de drogas, minas terrestres e pessoas sob escombros (Ishibe, 2011).

A audição é, tal como o olfato, um dos seus sentidos mais apurados. Os cães são capazes de ouvir a alta frequência, e são capazes de escutar um som a uma distância quatro vezes superior à que um ser humano consegue. Embora todas as raças possuam o mesmo potencial genético para ativar os seus sentidos, a seleção feita pelos homens ao longo de vários séculos, faz com que determinadas raças tenham o sentido mais apurado do que outras (Bruce Folge, 2000) .

A visão canina, contudo, comparada com a visão humana é muito diferente. Apesar de não se dizer que o ser humano vê melhor do que um cão, este facto comprova-se. Sendo originário de um predador, a seleção natural deste animal privilegiava a visão noturna ou os períodos de pouca luminosidade. O cão possui um ângulo de visão um pouco maior do que o do ser humano e a sua particular sensibilidade à luz e ao movimento é maior, conferindo-lhe a grande vantagem de ver algo mover-se, mesmo num ambiente de luminosidade reduzida. Contudo, frequentemente, a capacidade de focagem e de diferenciação de cores não lhe permite identificar com clareza o objeto, valendo-lhe os outros sentidos para a sua determinação. (Bruce Folge, 2000)

O tacto, ao contrário do olfacto e da visão, é um sentido pouco apurado nos cães. Este relaciona-se mais com a ligação afetiva entre eles, mas também está ligado diretamente à sua sensibilidade térmica, o que permite que as respostas homeostáticas¹ entrem em funcionamento, tais como a respiração e a evaporação de água através da língua. As zonas que estão relacionadas com este sentido, são os pelos e o focinho que apresentam terminações nervosas e as almofadas plantares (Bruce Folge, 2000).

Por último, o paladar, outro sentido pouco desenvolvido e, por isso mesmo, o sabor nos cães está diretamente ligado ao cheiro (Tausz, 1997).

Relacionando-se com os sentidos, vem o comportamento do animal, o qual se manifesta como uma capacidade herdada e gravada na sua memória, com base na sua formação e que se revela em habilidades produtivas. Os cães herdaram dos seus ascendentes a capacidade de flexibilidade mental, o que lhes permite aprender com as experiências, adaptando-se ao meio que os rodeia. Aprenderam também a confiar e a desconfiar dos seres que os envolvem, estabelecendo um relacionamento de afinidade com aqueles que lhes ficam mais próximos. A inteligência canina também acarreta aqui uma

¹ Relativo à homeostasia (Biologia), visa manter a Homeostase, ou seja, do grego, *homeo-* similar ou igual e *stasis-* estável, através de processos de regulação interna do indivíduo. A Homeostase é característica dos mamíferos (Priberam, 2012).

grande importância, do ponto de vista em que conseguem entender quem é o seu dono e compreender os comandos humanos, de modo a desenvolverem a obediência ou inteligência de trabalho, para que a comunicação possa ser um meio de atingir um fim lucrativo ou não, tanto pessoal como coletivo, utilizando as habilidades caninas mais apuradas dependendo da raça utilizada (Bruce Folge, 2000).

O relacionamento do homem com o cão, é uma simbiose² há muitos anos bem conseguida, mas, para isso, tudo depende da sua domesticação.

Os cães, como seres vivos também têm sentimentos e emoções, os quais necessitam de ser equilibrados, através do processo de aprendizagem, de modo a garantir a segurança de homem e cão, para que o equilíbrio não seja quebrado. Em norma, todos os cães têm a capacidade de aprender os comandos humanos, uns com mais facilidade que outros, mas estes comandos só funcionam com o empenhamento homem-cão e vice-versa. Assim, o relacionamento Homem-cão, depende diretamente dos métodos utilizados e da domesticação do animal, e é a última que lhe dá a base para a execução dos comandos, realizando assim as tarefas desejadas pelo dono, com a eficiência pretendida. Para isso, é necessário que o adestramento do cão seja feito com as palavras e métodos mais corretos. É necessário que o cão entenda que o líder dominante é o homem/dono: aquando das boas execuções do cão, dar-lhe o reforço positivo e, nas más, reforçar negativamente, não usando a brutalidade. Estudos da Universidade de Viena revelam que a adaptação dos cães se torna evidente no desenvolvimento da capacidade de aprendizagem por imitação, a qual é uma característica de todos os animais, mas, tendo o cão crescido e evoluído no meio humano, leva vantagem no aproveitamento dessa característica. (BBC, 2010)

2.2. O Cão Militar

O cão para fins militares surgiu há muitos séculos atrás. Selecionado, no início, pelas suas habilidades de guarda ou caça. E nenhum outro animal tem servido o homem com mais nobreza do que os cães, em tempo de conflito. Eles são um formidável meio de intimidação, que raramente é desafiado em tempo de paz ou de guerra. Fazendo o uso dos seus cinco sentidos, visão, audição, olfato, paladar e tacto em diferentes graus,

² Do grego *sumbiósis*, vida em comum, camaradagem. “Associação recíproca de dois ou mais organismos diferentes que lhes permite viver com benefício.” (Priberam, 2012)

particularmente afinados e genericamente superiores aos dos seres humanos (dependendo da tarefa que estão a executar numa determinada situação) os cães têm, ao longo da história do homem, dado um contributo de peso, em campanhas militares (Allsop, 2011).

No que diz respeito à audição, “nas frequências baixas (de 20 a 250 Hz), os cães e os seres humanos ouvem com a mesma agudeza. Acima de 250 Hz, o cão tem um limite inferior de intensidade de resposta, e a sua melhor sensibilidade com a menor intensidade do som é aproximadamente 8000 Hz. O limite superior da frequência de audição canina varia, e vai desde 26000 Hz até os valores entre 44000 e 100000 Hz.”³ (Beaver, 2009, p. 53).

O Homem aprendeu a utilizar a mais-valia proporcionada pelos sentidos do cão, desenvolvendo-os e aplicando-os em tempo de guerra. A fidelidade ao homem e o grande poder proporcionado pelo seu prodigioso olfacto, fez de alguns cães mais adequados para o treino como auxiliares insubstituíveis na guerra. A título de exemplo, podemos lembrar aqui o facto de os cães utilizados na I Guerra Mundial conseguirem distinguir os homens das tropas desconhecidas. Outro relato observado durante a mesma guerra foi que os cães, não conseguindo alcançar um objetivo específico, devido ao perigo de estarem na área do inimigo, voltavam ao seu canil. (Allsop, 2011).

Todas as características caninas acima descritas foram aproveitadas para treinar os cães de guerra (Allsop, 2011). Assim, verificamos que, no passado, os cães foram seleccionados principalmente pelo seu tamanho, permitindo-lhes aproveitar esse potencial físico para a batalha e várias matilhas foram criadas com habilidades de rastreamento e busca de fugitivos.

Durante as duas grandes guerras, todas as raças foram consideradas como boas, tendo sido muitos cães oferecidos por entidades civis para servirem no *U.S. Department of Defense*, na esperança que os cães sobrevivessem à guerra e fossem devolvidos aos seus donos (Allsop, 2011).

Mais recentemente, o processo foi melhorado, seleccionando-se assim, cães com habilidades mais específicas para o moderno campo de batalha pelo que, atualmente, verificamos que as raças tendem a ser padronizadas de acordo com as habilidades que os cães possuem naturalmente e das capacidades que desenvolvem para a execução das

³ Tradução livre à responsabilidade do autor.

diferentes tarefas, nas respetivas forças que os detêm, passando à descendência as características selecionadas (Allsop, 2011).

Tradicionalmente e por historial, a raça mais comumente usada para as operações de tipo policial é o cão de pastor alemão. Autoridades alemãs tinham instituído, desde o início, que um cão militar não pode ser produzido através de cruzamentos aleatórios, e daí que a raça maioritariamente usada por eles na I Guerra Mundial tenha sido o Cão de Pastor Alemão, como cão ambulância, mas, nos últimos anos, têm-se selecionado cães mais resistentes e com capacidade olfativa mais apurada para o trabalho de deteção (Allsop, 2011).

Assim, ao longo dos anos, cães de várias raças foram treinados, de acordo com os seus traços, para realizar missões específicas, facto para que contribuiu o desenvolvimento da ciência genética, que veio enriquecer a seleção dos cães. Assim, atualmente, as raças maioritariamente utilizadas para fins militares, hoje em dia, são: os Cães de Pastor Alemão, Cães de Pastor Holandês, como cães de guarda, Rottweilers de patrulha e os Labradores e Spaniels como cães de deteção e busca (Allsop, 2011).

O cão, um conhecido antigo guerreiro, usava uma armadura leve (para que não condicionasse o seu movimento e velocidade no campo de batalha), fabricada em couro, e um colar de espinhos para proteger a garganta. Contudo, e com o avanço no conhecimento, os cães têm, na atualidade, coletes à prova de bala e botas de proteção, e ainda sistemas de comunicação e vídeo, estabelecendo assim uma maior eficácia de trabalho. Acresce ainda para manutenção de capacidades operacionais, o conhecimento de primeiros socorros dos tratadores para ajudarem o cão o mais rápido possível (Allsop, 2011).

É de pensar que com o aumento da complexidade das operações o valor dos cães nas mesmas diminuiu, mas não, estes ainda possuem muitas vantagens sobre as novas tecnologias (Allsop, 2011).

Segundo Allsop 2011, a grande capacidade de indicar a presença humana até um quilómetro, durante a noite, juntamente com a sua agilidade de movimentos, a sua capacidade de atravessar zonas pantanosas e até mesmo rios, apanhando um elemento hostil enquanto algum apoio chega, revelam-se de inegável utilidade para as missões. Para além desta grande vantagem, salienta-se o facto de os cães não serem dependentes de uma fonte de energia constante e serem capazes de operar em qualquer tipo de ambiente.

Atualmente, nos serviços prestados, o uso dos cães é notoriamente rentável como cães de guarda em grandes instalações e aeroportos. Um único binómio é capaz de cobrir uma área que seria coberta por um pelotão, mostrando que uma secção cinotécnica é um

eficaz multiplicador de forças. Considerando, ainda, as restrições financeiras existentes, o uso dos cães revela-se uma mais-valia incontornável (Allsop, 2011).

2.3. Funções dos Cães Militares

No passado, os cães tinham qualquer função, até mesmo de atrair o fogo para expor as posições inimigas, mas hoje podem ter as mesmas funções que o homem, e as suas aptidões fazem com que as executem, por vezes, bem melhor. Em certas situações, os cães podem ir onde um soldado não pode e, muitas vezes, podem enfrentar ou intimidar um adversário mais rapidamente e com força não-letal, se assim treinados. De entre todas as capacidades dos cães e dependendo das raças, eles foram selecionados para desempenhar várias tarefas ou funções, entre as quais: guarda, mensageiros, busca e salvamento, transporte/tração, ambulância, deteção de minas, sentinela, anticarro, ataque, de túnel, deteção de drogas e explosivos (Allsop, 2011).

Os cães de guarda foram os mais utilizados no seio militar, tendo sido treinados como cães-polícia, para defender instalações militares, operando normalmente de noite. Eles anunciavam a presença de algo, podendo agir até que o tratador chegasse. Hoje, os cães com estas funções têm sido maioritariamente usados para guardar locais de armazenamento de armamento e aeródromos. Em missões no estrangeiro, têm sido usados, tal como o fizeram nas trincheiras, durante a primeira guerra mundial, para patrulhar os perímetros, agora em bases no Afeganistão (Allsop, 2011).

Tal como a função anteriormente retratada teve um papel vital na primeira grande guerra, a função de cão mensageiro também, devido à dificuldade de comunicação entre trincheiras. Os sistemas de comunicação na altura, eram pouco fiáveis, o que fazia com que as mensagens nem sempre tivessem retorno. Assim, o papel dos cães tornou-se indispensável, levando mensagens acopladas na sua coleira. Um dos maiores inconvenientes desta função era os cuidados de higiene com os cães dentro das trincheiras que, por sua vez, já eram contaminadas o suficiente (Allsop, 2011).

Aproveitando o olfato dos cães, a função de busca e salvamento também foi desenvolvida, procurando pessoas perdidas ou fugitivos. Os ingleses usavam os cães de busca para seguir o rasto daqueles que fugiam à justiça do país. Nos Estados Unidos e antes da guerra civil, eram usados para apanhar os escravos fugitivos. Mais recentemente, este tipo de cães foi usado para localizar armadilhas e tropas inimigas escondidas. Foram

também usados na guerra do Vietname, procurando inimigos perdidos, permitindo reestabelecer contacto com os vietcongues e fazer o reconhecimento de área. As equipas usadas eram distribuídas por pelotões, mas a maior parte das vezes seguiam na frente, para manter a integridade de ruído (Allsop, 2011).

O uso do cão como meio de transporte ou tração vem desde a I Guerra Mundial, na qual os europeus usavam os cães para puxar carroças de pequeno porte, método adotado por vários exércitos. Os alemães usavam os cães para puxar as metralhadoras Maxim⁴; enquanto os britânicos, na segunda guerra mundial, os usavam para transportar munições e; os soviéticos, os empregavam para arrastar feridos. Ainda na Segunda Guerra Mundial, os americanos usavam equipas de cães para puxar trenós de resgate. Hoje, o exército colombiano usa-os para transportar cargas leves, como munições, e suplementos médicos para as vítimas isoladas, assim como outras forças armadas os usam como cães de trenó, para diversas finalidades (Allsop, 2011).

Os cães, já na Grécia antiga, eram usados para lamber as feridas após as batalhas. Acreditava-se que a saliva canina era um antisséptico que ajudava a prevenir as infeções. Esse mito foi desfeito mas daí surgiram os cães ambulância. Estes cães eram usados para localizar feridos em lugares de difícil acesso para os soldados, o que por vezes significava a diferença entre a vida e a morte. Os cães da Cruz Vermelha foram a unidade mais bem organizada e sucedida durante a I Guerra Mundial. Os cães levavam os consumíveis médicos e alimentos para os soldados feridos, e foram ainda treinados para ignorar os soldados mortos. O contrário acontecia quando um desses cães encontrava um soldado inconsciente, voltando para o seu tratador e conduzindo-o até ele. Hoje em dia, é mais provável este tipo de cães ser usado por organizações paramilitares (Allsop, 2011).

A deteção de minas, também foi uma função para qual os cães foram treinados e da qual se tira grande proveito. Por exemplo, um cão pode limpar uma área semelhante a um campo de futebol em menos de uma hora, enquanto um homem levaria vários dias. As preocupações humanitárias fizeram com que este tipo de cães aumentasse. No Afeganistão, o programa de desenvolvimento destes cães tem sido de grande sucesso, conseguindo-se que mais de 130 cães e tratadores operem no campo em simultâneo. Na Bósnia e

⁴ Metralhadora Maxim é uma metralhadora pesada e foi inventada no ano de 1884 por Hiram Maxim, esta arma é capaz de atingir uma cadência de tiro contínua e mortal, e fazia frente a cargas de cavalaria e infantaria (LaFontaine, 1997). Na 1 Guerra Mundial os alemães usaram um modelo variante da maxim criado em 1908 (Guedes & Alves)

Herzegovina estes cães tiveram um papel fundamental nestas operações, devido ao aumento da velocidade de deteção e consequente desminagem. Os cães de deteção de minas são treinados para detetar todo o tipo de minas, tanto antipessoal como anticarro. Nos dias que correm, e em tempos de paz, as minas são responsáveis por matar tanto civis como militares todos os dias e em vários locais. Os cães são treinados para que esta situação seja evitada, pois qualquer destes cães deteta uma mina pelo cheiro, e a partir daí essa zona é vedada e desminada por uma equipa de sapadores (Allsop, 2011).

Os cães de sentinela foram dos primeiros a serem utilizados pelos militares, sendo usados para defender instalações e pontos sensíveis, prioritariamente durante a noite. Neste caso, os cães são treinados para ladrar ou rosnar quando se apercebem de alguma coisa estranha, alertando os guardas. Esta especialização tornou-se um sucesso e várias equipas foram treinadas para serviços em quartéis (Allsop, 2011).

A função de cães anticarro foi a de maior desprezo para o animal e foi usada na II Guerra Mundial pela União Soviética. Os cães eram treinados para procurar comida por baixo dos blindados, e desta forma foi desenvolvida a associação entre a alimentação e um blindado. Faziam os cães passar fome antes das batalhas, equipavam-nos com engenhos explosivos e, quando libertados, eram detonados assim que estivessem em contacto com os blindados alemães. Os explosivos que os cães transportavam eram magnéticos e eram transportados como uma espécie de colete. Relatos referem que aproximadamente 300 blindados alemães foram destruídos desta forma (Allsop, 2011).

Como referido, os cães de ataque foram usados na antiguidade. Eram equipados com armaduras e colares com pontas e enviados para a frente da batalha, para atacar os cães usados pelos inimigos, homens e cavalos. Esta abordagem atualmente não faz sentido, visto que as armas presentes destruiriam os cães imediatamente (Allsop, 2011).

Os cães de túnel foram especialmente criados devido a uma exigência da guerra do Vietname, para detetar e expulsar os vietcongues de túneis onde se refugiavam. Os vietcongues tentavam confundir os cães, lavando as aberturas dos túneis de ventilação com sabão e com camisas capturadas ao exército dos EUA (Allsop, 2011).

Os cães de deteção de drogas e explosivos são normalmente utilizados por unidades de polícia. Este tipo de cães presta um serviço indispensável na guerra contra as drogas. São normalmente utilizados em aeroportos, fronteiras, e outros locais de possível contrabando. Em tempos de paz, são usados pela polícia militar para impedir o pessoal da instituição de utilizar estas substâncias ilegais, criando ambientes contra a conduta institucional. Tanto os militares como os civis usam este tipo de cães lutando contra o

narcotráfico. Este trabalho é ainda mais valioso quando são treinados para a detecção de engenhos explosivos, o que reverte para que, aquando do patrulhamento, os cães se dirijam na frente e nas bermas para a detecção de dispositivos improvisados (IED's). Segundo Allsop (2011), uma das medidas preventivas mais eficazes para o uso de explosivos é o efeito dissuasor e as capacidades das equipas dos cães de detecção de explosivos. O reconhecimento público que estas equipas têm, é demonstrativo de como uma equipa funciona na dissuasão das pessoas que podem tentar usar explosivos ilegalmente.

Contudo, onde os cães mais se destacam é nas operações de busca e salvamento. Desde a I Guerra Mundial que equipas cinotécnicas da cruz vermelha e de organizações internacionais eram usadas para ajudar os feridos em combate. Neste caso, os cães eram treinados para intervir em qualquer ambiente e em qualquer situação. Os cães encontravam os soldados feridos e prestavam-lhe o devido apoio com kits que transportavam acoplados e ainda faziam com que o ferido não se sentisse sozinho, elevando por momentos a sua moral, até que chegassem os seus tratadores, ou eles encaminhassem os tratadores até aos feridos. Na II Guerra Mundial, os cães nestas operações puxavam trenós que auxiliavam no resgate de pilotos que se despenhavam no Alasca e militares de forças aliadas na Gronelândia. Atualmente, as equipas de cães de trenó do Exército dinamarquês são usadas para patrulhar essa mesma área usando os mesmos métodos (Allsop, 2011).

Hoje, a maioria das equipas cinotécnicas que realizam operações de busca e salvamento são civis. Segundo Allsop (2011), mais de 50 equipas cinotécnicas internacionais de busca e salvamento, constituídas por mais de 1700 pessoas e cerca de 175 cães, estiveram presentes no pós-terramoto no Haiti. Estes heróis, são responsáveis por salvar a vida de mais de 130 pessoas.

O cão de busca e salvamento, é um dos meios mais eficazes e mais utilizado para localizar vítimas de terramotos, derrocadas, e nas demais situações de catástrofe. O cão torna-se então num vetor de trabalho ao dispor de qualquer organização para atender a este tipo de situações. (Lima, 2010)

2.4. Os cães no US Army

O emprego dos cães nos Paraquedistas (Regimento de Caçadores Pára-Quedistas) foi adotado quando a instituição ainda pertencia à Força Aérea. Neste sentido foi criado o *Manual para o emprego de cães exploradores*, Manual este que foi “traduzido e adaptado

pelo RCP da origem (USA)” (Regimento de Caçadores Pára-Quedistas, 1969, p. 30) no âmbito das necessidades de seguir uma linha orientadora para o treino especializado, possibilidades e limitações do cão de guerra.

Deste modo, é importante referir a doutrina dos cães nos Estados Unidos da América, visto que os princípios de emprego tiveram origem nesse país.

O Exército dos Estados Unidos tem um programa denominado *Military Working Dog Program (MWD Program)*, no qual clarifica e estabelece as responsabilidades, procedimentos para a gestão e controlo do programa, de modo a atribuir as respetivas funções às equipas cinotécnicas. Define ainda as normas de seleção dos tratadores e dos cães, treino e emprego das equipas cinotécnicas, e o uso da força. Explica como as equipas cinotécnicas são usadas em missões de apoio de combate e de *non-combat*, incluindo segurança de área; operações de apoio à mobilidade, ordem pública e proteção da força, incluindo narcóticos, minas, armas, munições e deteção de explosivos. (Department of the Army, 2007).

Os MWD são treinados para as especializações de cães de patrulha de deteção de narcóticos, cães de patrulha de deteção de explosivos, cão de deteção de narcóticos, cão de deteção de explosivos, cão de deteção de minas, cães de busca, cães de patrulha e cães exploradores.

Os cães de patrulha de deteção de explosivos, são treinados para detetar o odor e a presença de explosivos, aumentar a capacidade de proteção de instalações e recursos e, prevenção do crime. Estas equipas podem ser empregues no combate e/ou proteção da força e em operações de antiterrorismo em todo o mundo (Department of the Army, 2007).

Os cães de patrulha de deteção de narcóticos e/ou contrabando são treinados para detetar substâncias escondidas, tais como metanfetamina, marijuana, haxixe, heroína e cocaína. Estes cães podem apoiar investigações criminais e inspeções militares. Contudo, Os cães que não são capazes de serem certificados nas duas especialidades acima mencionadas podem manter apenas a especialidade de cão de patrulha, sendo então empregues tanto de dia como de noite, detetar um fugitivo e se necessário persegui-lo, atacá-lo e agarrá-lo. Podem ainda fazer patrulhas apeadas para manter a segurança de instalações e também proporcionar maior segurança para as instalações de comunicações e postos de comando.

Os cães de deteção de explosivos dão inclusivamente apoio às autoridades civis (Governo civil, polícia e bombeiros na assistência a desastres). Se forem cães com esta especialidade mas em apoio a segurança de altas entidades, esta missão é atribuída

primariamente à U.S. Air Force que recebe as missões do Gabinete do Secretário da Defesa ou Departamento do Estado. (Department of the Army, 2007).

Os cães de busca são treinados como uma equipa (cão e tratador) e recebem formação para realizarem missões de busca (sem trela) para detetar armas de fogo, munições e explosivos dentro de instalações, veículos, áreas abertas, limpeza de vias, checkpoints, pistas de aviação e busca de IED's. Assim, estes cães apoiam as operações de busca com uma distância de segurança do pessoal fora da área a ser inspecionada. (Department of the Army, 2007).

Os cães de deteção de minas devem ser considerados como uma ferramenta adicional para o apoio das operações de desminagem, tendo sempre as condicionantes climáticas, de terreno e da própria situação. Estes cães ajudam a construir uma planta dos locais das minas, assim como os seus limites (podendo ser balizados) e quando bem treinados podem detetar arames de tropeçar que possam ativar as minas. (Department of the Army, 2007)

O emprego dos cães exploradores permite às unidades seguir indivíduos em todos os ambientes, sem ter contacto visual ou eletrónico. O cão explorador é capaz de seguir o odor humano, com a finalidade de restabelecer o contacto com o inimigo, sobreviventes e/ou fugitivos de emboscadas, prisioneiros de guerra e também patrulhas aliadas perdidas, pilotos que se despenharam, reféns, e identificar um indivíduo específico desenquadrado de um grupo de pessoas.

2.5. Os Cães no Exército Português

Em Portugal, existem forças cinotécnicas espalhadas por todas as forças, tanto Forças Armadas como Forças de Segurança.

Contudo, e fazendo este subcapítulo referência aos cães militares no Exército Português, encontramos forças cinotécnicas apenas na Escola de Tropas Pára-Quedistas e na Polícia do Exército, sendo a Secção de Cães de Guerra na Companhia de Serviços do Batalhão Operacional Aeroterrestre em Tancos e uma Secção Cinotécnica em cada Esquadrão de Polícia do Exército, 1º Esquadrão e 2º Esquadrão.

2.5.1. Escola de Tropas Pára-Quedistas

No ano de 1956, mais especificamente no dia 7 de junho foi oferecido ao Batalhão de Caçadores Pára-quedistas (BCP) um casal de cães de Pastor Alemão, o que incentivou o comando a propor a criação de um Centro Cinotécnico. A 4 de julho de 1957, o Secretário de Estado da Aeronáutica exarou o despacho, para avançar com a criação de um canil, o qual, viria a garantir o treino e criação de cães militares para estarem ao serviço do batalhão e de outras unidades da força aérea portuguesa. A raça que foi considerada como a mais indicada para as missões foi o cão de pastor alemão, o qual, na altura vigorava para iniciar os treinos e tratamento no Exército Inglês (Lima, 2007).

Foi então criada a especialidade de Treinador/Tratador de Cães Militares, com o objectivo de dotar os homens das capacidades necessárias para acompanhar um cão numa missão, na altura fundamentalmente de guarda, pistagem e deteção. (Escola de Tropas Pára-quedistas, 2006). Como consequência disso, a 27 de agosto de 1958, os militares nomeados para a frequência do estágio cinotécnico, o capitão Fausto Marques e o 2º Sargento Castro Gonçalves, marcham para Linx-França. Após isso, várias propostas foram elaboradas, como a construção de um edifício de comando, cozinhas, enfermarias para os cães, um canil com 20 lugares para a quarentena, um sistema para saltar com os cães de paraquedas⁵, canis e caixas de transporte. Desde então o BCP foi reforçado com cães comprados na França, Alemanha, e ainda com os criados na unidade (Lima, 2007).

O primeiro destacamento de cães (com 6 cães) a sair para o estrangeiro em missão, foi a 30 de novembro de 1960 para a Base Aérea 9 (BA 9) em Luanda, para garantir a defesa próxima das instalações que estavam a ser construídas (Lima, 2007).

No mês de julho de 1961, já existiam 18 cães de guerra no BCP, constituindo 3 equipas e treinados para guarda, e ainda 14 cães em Angola. Os cães de guerra foram utilizados em Angola não só em instalações como também em missões de combate, tal como pistagens. Entretanto, e pela boa prestação, foi solicitado pelas unidades o emprego dos cães, tanto em território nacional como na Guiné, Angola e Moçambique.

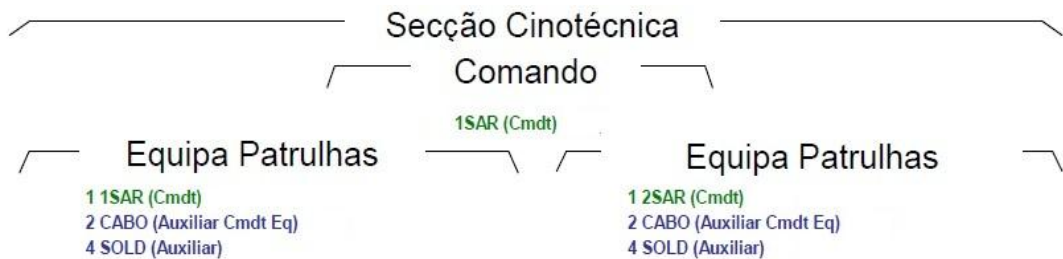
Com a desativação das unidades paraquedistas nos territórios ultramarinos, a atividade do centro cinotecnico foi reduzida para missões de guarda e defesa das instalações da unidade. Depois com a passagem dos Paraquedistas para a Brigada

⁵ Idêntico ao sistema de lançamento de cargas de 2 a 200 quilos adotado na altura. (Lima, 2007)

Aerotransportada Independente (BAI), o serviço dos cães de guerra foi decrescendo ainda mais, e até foi posta a hipótese de ser extinto, devido à não existência de missões com o uso de cães. Em 2001, dá-se o contacto com a Companhia Cinotécnica da Guarda Nacional Republicana para a formação de Monitores Cinotécnicos (Lima, 2007).

A partir daí, a Secção de Cães de Guerra efetua, e está apta a efetuar missões no âmbito da guarda às instalações da unidade, guarda e segurança em acampamentos táticos, missões de esclarecimento e pistagem, tanto na manutenção de ordem pública como no recrutamento e divulgação das capacidades cinotécnicas (Lima, 2007).

Figura nº 1 – Organigrama da SecCaesGuerra



(Estado-Maior do Exército, 2010, p. 19)

Conforme indicado na figura 1, a Secção Cinotécnica é composta por um comandante de secção, posto 1º Sargento, com 2 Equipas de Patrulhas, a sete elementos, cada uma. O comandante de secção acumula funções e é comandante de uma das equipas, perfazendo assim um total de 14 elementos. E aquando da ativação em treino ou emprego operacional do Batalhão “a cada militar corresponde um canídeo (binómio)”. (Estado-Maior do Exército, 2010, p. 11)

Nas capacidades do Batalhão Operacional Aeroterrestre (BOAT), nas alíneas l. e m., é referido que o batalhão tem: “ capacidade para reforçar a segurança de Bases de Partida e Avançadas com equipas Cinotécnicas.”; e “ capacidade para constituir as equipas Cinotécnicas dos Batalhões de Pára-quadistas.” (Estado-Maior do Exército, 2010, p. 3)

2.5.2. Polícia do Exército

A orgânica das Secções Cinotécnicas da PE encontra-se de acordo com a figura apresentada seguidamente.



(Estado-Maior do Exército, 2009, p. 15)

Como se verifica na figura 2, as secções cinotécnicas do 1º e 2º Esquadrão de Polícia do Exército são iguais, com um 1ºSargento como comandante de secção, têm uma equipa de busca e deteção de explosivos e uma equipa de patrulhas. Isto dá um total de seis elementos por secção.

Na prática, estas forças estão unidas na SecCino do RL2, apesar de estarem isoladas organicamente uma em cada esquadrão, ambas contribuindo para o mesmo fim.

A missão dos Esquadrões PE é a mesma, que diz: “[...] prepara-se para executar operações em todo o espectro das operações militares, no âmbito nacional ou internacional, de acordo com a sua natureza.” (Estado-Maior do Exército, 2009, p. 2)

No que diz respeito às capacidades, o RL2 e, por extensão, a sua SecCino, tem:

- a. Capacidade para se integrar num sistema de comando e controlo nacional ou multinacional.
- b. Capacidade para incorporar 2 (dois) Pelotões de Polícia do Exército adicionais.
- c. Capacidade para planear, organizar e executar missões de Polícia do Exército, de acordo com as normas da OTAN.
- d. Capacidade para conduzir operações de resposta a crises (CRO).
- e. Capacidade para efectuar operações de controlo de tumultos.
- f. Capacidade para efectuar operações de segurança e protecção pessoal.
- g. Capacidade para participar em operações Conjuntas/Combinadas.

- h. Capacidade para actuar em condições de extremo calor ou frio e em todo o tipo e condições de terreno. [...]
- m. Capacidade para executar a seguintes missões de Polícia do Exército: controlo de circulação; segurança de área; imposição da disciplina, lei e ordem; operações de prisioneiros de guerra.
- n. Capacidade para autodefesa contra a uma força de escalão secção.
- o. Capacidade para garantir protecção adequada para o pessoal e equipamento orgânico no âmbito CBRN (Chemical, Biological, Radiological and Nuclear).
- p. Capacidade para garantir protecção adequada de pessoal e equipamento contra RCIED (Remote Controlled Improvised Explosive Devices)[...]” (Estado-Maior do Exército, 2009, pp. 2,3)

No Conceito de Emprego dos Esquadrões de Polícia do Exército, é referido na alínea (d) que as patrulhas de cães são usadas para os seguintes fins: patrulhamentos gerais (como exemplo busca de indivíduos, controlo de tumultos, detenção de sujeitos); procura de armas e explosivos; e cães de guarda/sentinela; (Estado-Maior do Exército, 2009, p. 4).

Capítulo 3

Metodologia e procedimentos

Após concluída a revisão de literatura, onde foi dada preferência à documentação sobre a temática deste trabalho, iremos partir para uma componente prática que nos permitirá obter informação relevante com vista a resolver a problemática levantada no início do estudo.

Uma vez que no subcapítulo respeitante à metodologia contemplado na Introdução, já foi explicada sucintamente a metodologia seguida para a execução deste trabalho, neste capítulo vamos complementar essa informação e descrever os procedimentos efetuados no nosso trabalho de campo.

3.1. Método de abordagem ao problema

O método científico para a abordagem do problema requer a identificação de operações mentais e técnicas para que seja possível a sua verificação (Gil, 1999).

Pode-se definir método como caminho para se chegar a determinado fim e método científico como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento. (Gil, 1999, p. 27). De acordo com Gil 1999, os métodos esclarecem os procedimentos que são acompanhados numa investigação científica e ajudam a decidir o alcance da investigação, as regras de explicação dos factos e a validade das generalizações, ao investigador. Para isso, o método adotado para uma investigação pode ser: dedutivo, indutivo, hipotético-dedutivo, dialético e fenomenológico.

O método adotado neste trabalho é o dedutivo, pois é este método “que se baseia num raciocínio que parte do geral para o particular” (Sarmiento, 2008, p. 5). Ou seja, “parte de princípios reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis e possibilita chegar a conclusões de maneira puramente formal, isto é, em virtude unicamente de sua lógica [...] a razão é capaz de levar ao conhecimento verdadeiro, que decorre de princípios *a priori*

evidentes e irrecusáveis.” (Gil, 1999, p. 27). De acordo com a minha investigação, que é *A Cinotecnia no Exército Português para o Século XXI, Novos Cenários, Novos Desafios*, vou partir da realidade que se passa em Portugal, incluindo todas as forças cinotécnicas militares e paramilitares relevantes e descer ao universo das forças cinotécnicas no Exército Português.

3.2. Técnicas, procedimentos e meios utilizados

Os dados recolhidos passam por um processo de investigação científica, de modo a chegar a um objetivo. Esses dados são recolhidos de várias fontes, podendo os primeiros ser primários ou secundários, assim como as suas respetivas fontes. (Sarmiento, 2008). “Os dados primários são pesquisados pelo investigador, com vista a satisfazer uma necessidade de informação presente e específica.” (Sarmiento, 2008, p. 10), sendo também provenientes de fontes primárias, como por exemplo, os questionários realizados pelo investigador.

Porém, existem também os dados secundários que são “recolhidos, registados e analisados por outras pessoas, para o mesmo fim ou para outros fins que não são o propósito específico da presente necessidade de informação.” (Sarmiento, 2008, p. 10), como, por exemplo, os dados recolhidos dos quadros orgânicos das forças, artigos do *Jornal do Exército*, artigos da revista *Boina Verde*, entre outros.

A técnica utilizada para a recolha de dados nesta investigação é a entrevista, visto que, “enquanto técnica de coleta de dados, [...] é bastante adequada para obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das explicações ou razões a respeito das coisas precedentes” (Gil, 1999, p. 117, in Seltiz et al., 1967, p. 273) e o objetivo é “obter os dados desejados com a máxima eficácia e a mínima distorção.” (Tukman, 2000, p. 348).

A entrevista permite transformar a informação recolhida em dados quantitativos, utilizando para isso, as mesmas interrogações aos sujeitos entrevistados e obtendo assim os objetivos pretendidos (Tukman, 2000).

Segundo Gil (1999), a vantagem das entrevistas é que possibilitam a obtenção de dados de vários aspetos sociais, são mais eficiente para obter dados mais concretos acerca do comportamento dos sujeitos e ainda, os dados que se obtêm podem ser classificados e quantificados.

Relativamente aos níveis de estruturação das entrevistas, estas são definidas por diferentes tipos, em função do seu nível de estruturação. Quando uma entrevista é mais estruturada estamos perante um maior grau de antecipação das respostas obtidas, enquanto que, as menos estruturadas não estão sujeitas a um modelo preestabelecido de questões (Gil, 1999).

A entrevista estruturada assenta sobre uma relação fixa de perguntas, sendo as últimas iguais para todos os entrevistados. Este tipo de entrevistas tem a vantagem de serem de rápida realização, não acarretarem grandes custos para o investigador e de garantirem respostas padronizadas, através de uma lista preestabelecida de questões (Gil, 1999). Daí esta investigação se debruçar sobre entrevistas estruturadas, que segundo Gil (1999), quando uma entrevista é totalmente estruturada e com respostas previamente estabelecidas, aproxima-se do questionário, e que alguns autores preferem atribuir a este procedimento o conceito de questionário, pelo contacto direto com os entrevistados.

No entanto, para a recolha dos dados, foi feito um Guião de Entrevista (Ver Apêndice A).

3.3. Amostragem

A necessidade da amostragem na pesquisa social, reverte ao facto de numa investigação ser preciso do universo em estudo cingir-se a uma pequena parte dos elementos que o compõem. A escolha desta fração de uma população deve ser representativa (Gil, 1999).

Segundo Gil (1999) é necessário definir os conceitos básicos para assim compreender a problemática da escolha da amostragem numa pesquisa social, assim, para o autor, universo ou população “ [...] É um conjunto definido de elementos que possuem determinadas características. Comumente fala-se de população como referência ao total de habitantes de determinado lugar. Todavia, em termos estatísticos, pode-se entender como amostra o conjunto de [...] operários filiados a um sindicato.” (Gil, 1999, pp. 99,100), e a amostra entende-se como, o “ Subconjunto do universo ou da população, por meio do qual se estabelecem ou se estimam as características desse universo ou população. Uma amostra pode ser constituída, por exemplo, por cem empregados de uma população de 4.000 que trabalham em uma fábrica.” (Gil, 1999, p. 100). Assim sendo, nesta investigação, o universo são todos os militares cinotécnicos das Forças Armadas portuguesas, GNR e PSP,

e a amostra são 9 elementos da ETP, 5 da GNR, 5 da PA e 1 da PSP, nomeadamente os comandantes diretos das mesmas.⁶

3.4. Descrição dos materiais e instrumentos utilizados

No Durante esta investigação, no que diz respeito ao trabalho de campo, foram utilizados o Guião da Entrevista e um telemóvel *Samsung Galaxy mini GT-S5570* que possui uma aplicação gravador de voz para obtenção das respostas às 9 questões das entrevistas.

Em relação à análise dos dados, para o tratamento estatístico das respostas às questões foi usado o *Microsoft Office Excel 2010*, enquanto que na construção de quadros resumo e tabelas foi usado o *Microsoft Office Word 2010*.

Para a análise das respostas às questões das entrevistas foi usada uma matriz de análise por segmentos⁷.

⁶ Ver Apêndice K – Lista de Entrevistados.

⁷ Ver Apêndice L – Matriz de Análise das Entrevistas

Capítulo 4

Apresentação, análise e discussão dos resultados

Neste capítulo são apresentados os resultados obtidos na investigação realizada (trabalho de campo) através da análise das entrevistas e do tratamento dos dados apresentados na intervenção dos vários entrevistados.

Primeiramente, é feita a apresentação e análise através de tabelas de dupla entrada e gráficos, exibindo cada uma das questões e respetivas ideias referidas por cada entrevistado.

Posteriormente é feita uma discussão dos resultados obtidos em cada uma das questões respondidas pelos entrevistados, tendo em conta toda a investigação realizada.

4.1. Apresentação e análise de resultados

Este subcapítulo é reservado à apresentação e análise das respostas às questões realizadas nas entrevistas.

São apresentadas tabelas e gráficos tratados com as respostas dos entrevistados, de modo a serem analisadas individualmente e posteriormente discutidas, com vista a serem tiradas conclusões acerca dos dados recolhidos.

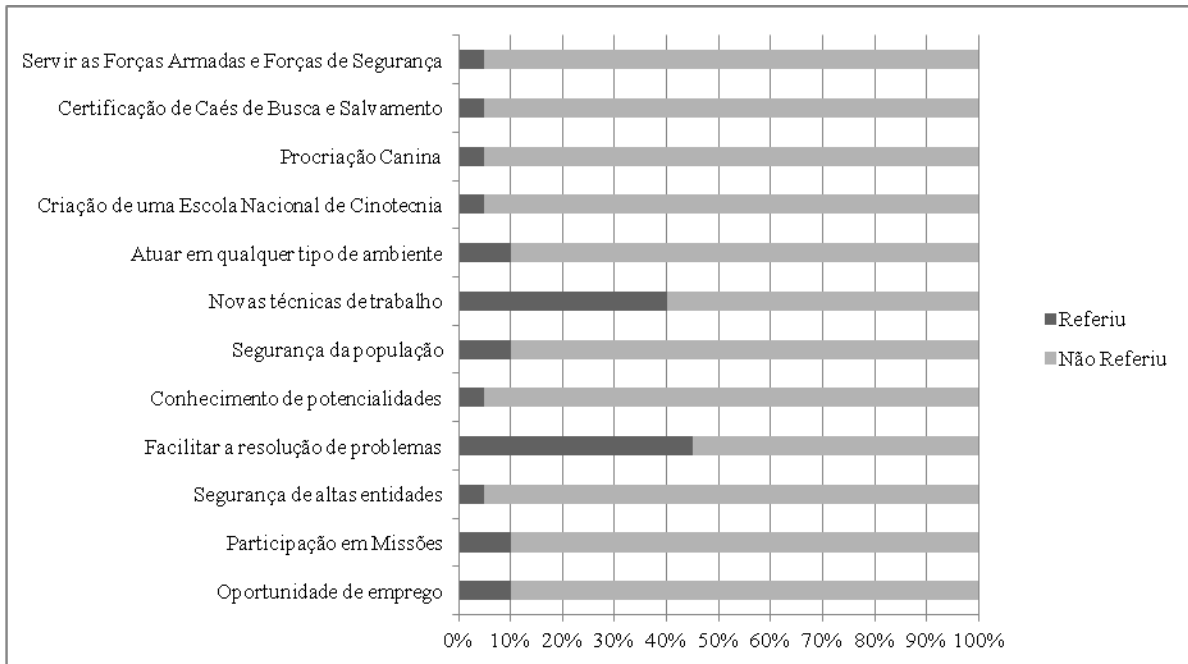
4.1.1. Apresentação e análise da questão nº 1

O seguinte gráfico (figura nº 3) apresenta os resultados obtidos com a realização da questão nº 1, sendo esta a seguinte: *Que contributo poderia dar a cinotecnia para o futuro?*

As respostas dos entrevistados a esta questão debruçaram-se principalmente sobre o facto de, com o uso dos cães, se verificar maior a facilidade em resolver os problemas; de a implementação de novas técnicas e métodos de trabalho permitir ajudar no seu emprego, para concluir da mais-valia que tudo isto traria, às Forças Armadas e Forças de Segurança, participando as forças cinotécnicas nas suas missões. Evidencia-se ainda o

desenvolvimento do conhecimento acerca dos canídeos, aproveitando ao máximo os seus sentidos apurados e as suas características. O seguinte gráfico ilustra os resultados obtidos com a questão, mostrando os tópicos abordados pelos entrevistados assim como a sua referência ou não referência.

Figura nº 3 – Apresentação dos resultados da questão nº 1



Com esta análise podemos constatar que 45% dos entrevistados referiram que no futuro a cinotecnia poderia contribuir para facilitar a resolução dos problemas encarados pelas Forças Armadas e Forças de Segurança, 40% consideram que a cinotecnia pode desenvolver novas técnicas de trabalho nas forças, 10% responderam contribuir com a atuação em qualquer tipo de ambiente, servir para a segurança da população, participar em missões e ainda ser uma oportunidade de emprego, e 5% referiram que pode servir as Forças Armadas e Forças de Segurança, apostar na procriação canina, criação de uma Escola Nacional de Cinotecnia, conhecimento de novas potencialidades caninas e ainda garantir segurança de altas entidades.

4.1.2. Apresentação e análise da questão nº 2

Na questão nº 2, *Quais são as vantagens e desvantagens que encontra na cinotecnia?*, no que diz respeito às vantagens, os entrevistados apontam maioritariamente para os sentidos apurados dos canídeos, para o desenvolvimento do conhecimento sobre a cinotecnia e para a eficácia e eficiência do trabalho cinotécnico. Relativamente às desvantagens, as mais apontadas foram o tempo e as condições de trabalho. Contudo, disseram que devido às imensas vantagens que o uso da cinotecnia apresenta, as desvantagens são anuladas, daí alguns dos entrevistados não terem apresentado desvantagens e outros quando apresentaram, referiram poucas.

Os seguintes gráficos (figura nº 4 e figura nº 5) apresentam as vantagens e desvantagens referidas pelos entrevistados.

Figura nº 4 - Apresentação dos resultados da questão nº 2 (vantagens)

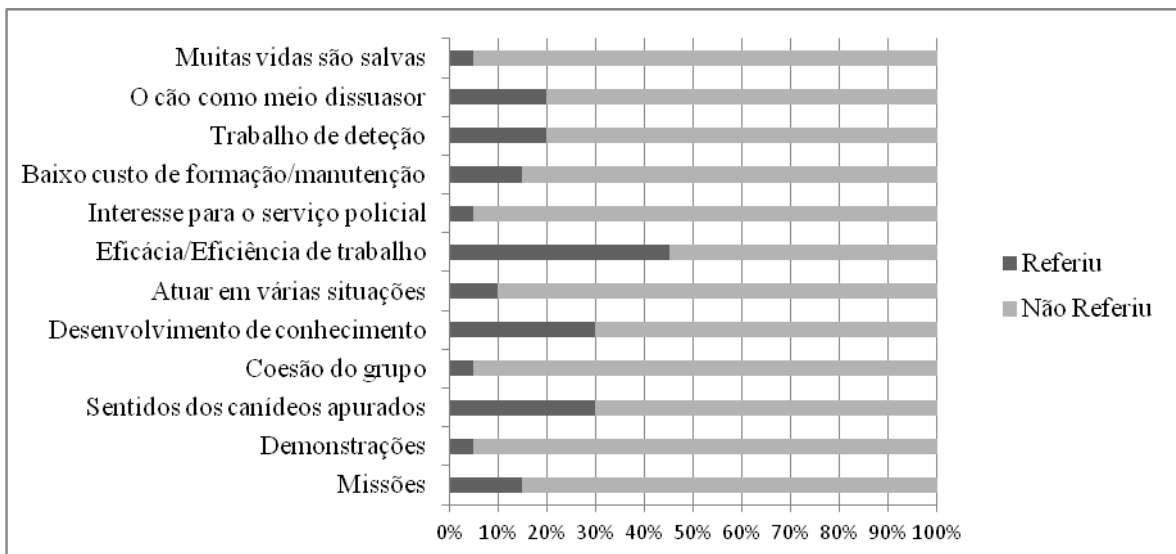
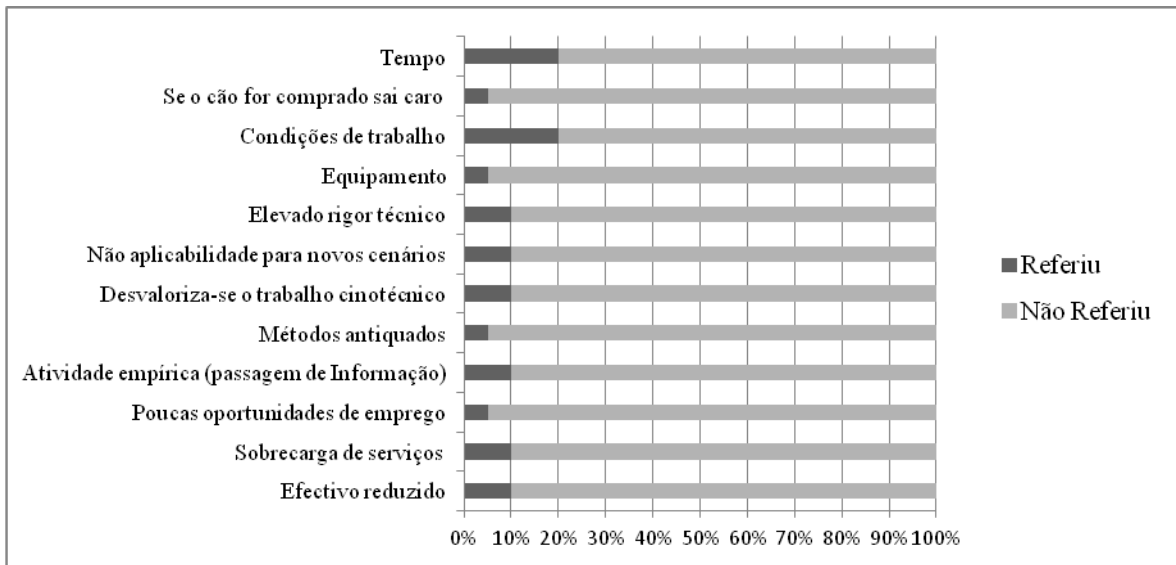


Figura nº 5 - Apresentação dos resultados da questão nº 2 (desvantagens)



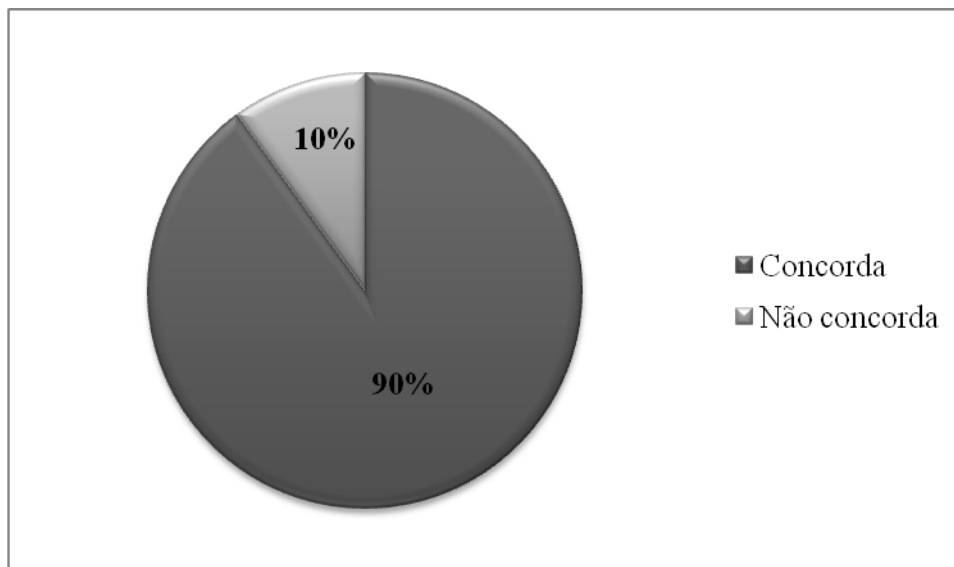
No que diz respeito à figura nº 4, referente às vantagens, podemos verificar que 45% dos entrevistados apresentou a eficácia/eficiência do trabalho do trabalho dos binómios, 30% referiu o sentido apurado dos canídeos e o desenvolvimento do conhecimento sobre os cães, 20% a rapidez do trabalho de deteção e o cão como meio dissuasor em diversas situações, 15% a possibilidade de participação e apoio em missões e baixo custo de formação/manutenção dos cães, 10% a possibilidade da cinotecnia atuar em várias situações em apoio de forças, e 5% a participação em demonstrações, coesão do grupo de trabalho, interesse da cinotecnia para o serviço policial e que muitas vidas são salvas com o seu emprego.

Na análise do gráfico referente às desvantagens (figura nº 5), 20% dizem serem as condições de trabalho desadequadas e o tempo aproveitado ser pouco, 10% consideram terem um efetivo reduzido, serem sujeitos a uma sobrecarga de serviços, ser uma atividade empírica na forma como a mensagem é passada para outros, a desvalorização do seu trabalho como cinotécnicos, a não aplicabilidade para novos cenários, em possuir um elevado rigor técnico e 5% dizem ter poucas oportunidades de emprego, os métodos já estarem ultrapassados, o equipamento ser pouco inovador e ainda, se o cão for comprado, sair mais caro para a instituição.

4.1.3. Apresentação e análise da questão nº 3

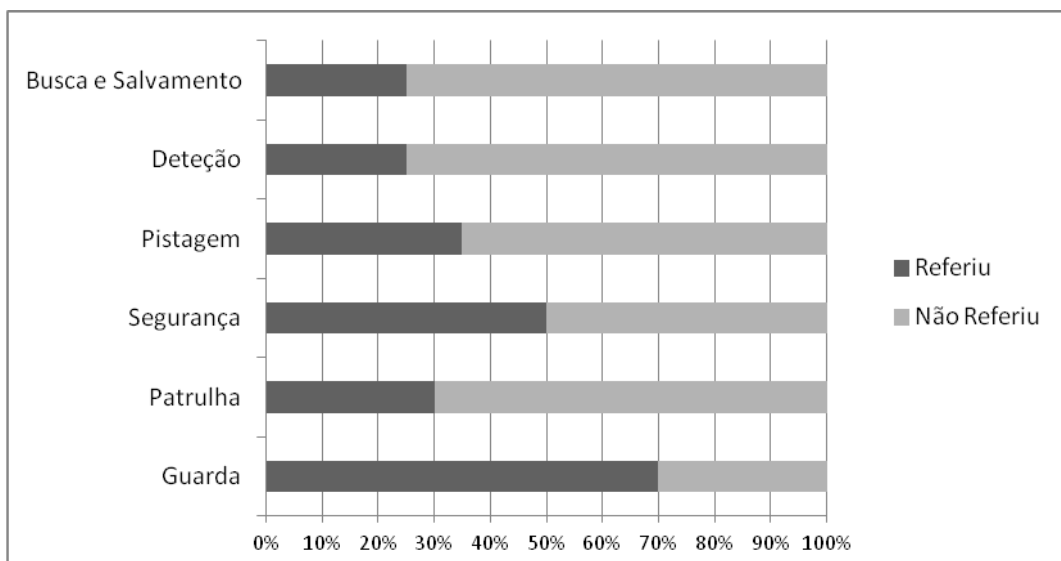
A questão nº 3 aborda se o entrevistado concorda ou não se “A especialização dos cães é adequada às tarefas que desempenham? Quais são?”. Os seguintes gráficos apresentam a concordância dos entrevistados e as especializações que existem.

Figura nº 6 – Apresentação dos resultados da questão nº 3



Analisando a figura nº 6, 90% dos entrevistados concorda que a especialização dos cães é adequada às tarefas que desempenham, enquanto que 10% não concorda.

Figura nº 7 – Apresentação dos resultados das especializações

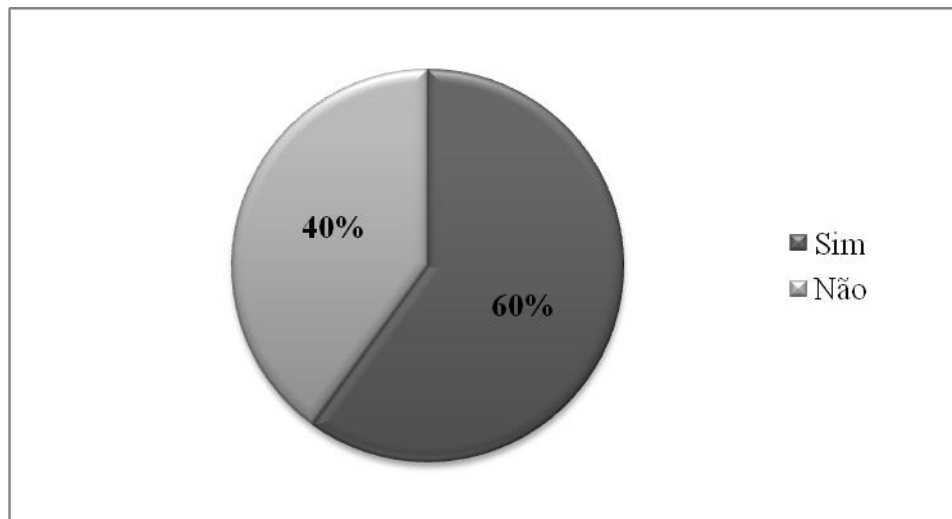


Na figura nº 7 são apresentadas as especialidades que os entrevistados referiram, sendo 70% a Guarda, 50% a Segurança, 35% a Pistagem, 30% Patrulha, e 25% Busca e Salvamento e Deteção.

4.1.4. Apresentação e análise da questão nº 4

A questão nº 4 interroga os entrevistados se “Já participou em alguma missão envolvendo forças cinotécnicas? Se sim, onde quando e com que propósito?”, à qual a maioria respondeu afirmativamente. O seguinte gráfico (figura nº 8) ilustra os resultados obtidos.

Figura nº 8 - Apresentação dos resultados da questão nº 4



Analisando o gráfico, referente à participação ou não, 60% dos entrevistados disseram que sim e 40% disseram que não.

Da amostra usada para a recolha dos dados, dos que responderam que participaram, três pertencem aos SecCaesGuerra, três à Policia Aérea, quatro à GNR, um à PSP e um já pertenceu a SecCaesGuerra, à Companhia Cinotécnica da GNR, está colocado na USHE e desde abril de 2012 está a comandar o 3.º Contingente da GNR na NATO Training Mission no Afeganistão.

Dos entrevistados que pertencem à SecCaesGuerra, dois participaram numa operação de busca e salvamento no rio Zêzere, em 2012, em busca de um jovem desaparecido, e outro na Segurança do *JFCL* em 2010, no âmbito da Cimeira da NATO.

Dos militares que pertencem à Policia Aérea, dois participaram no apoio ao curso *Fuga e Evasão* em Penamacor e o outro participou em 2010 no Exercício Internacional de F16 na Base Aérea nº6 (Montijo).

Os entrevistados do Grupo de Intervenção Cinotécnico da GNR, um participou em operações no âmbito de ordem pública, deteção de drogas e explosivos no evento desportivo de futebol, Euro2004, deteção de drogas, armas e explosivos em território fronteiriço no mesmo âmbito, na manutenção de ordem pública, deteção de drogas e explosivos no evento Expo98 e ainda com o uso da força e deteção de odor humano em cooperação com a Agência Frontex⁸ nas fronteiras da UE de fevereiro a outubro de 2012. Outro participou no âmbito da segurança de vários eventos desportivos (não especificando quais), na ordem pública durante a greve dos camionistas em Alenquer em março de 2011 e ainda na segurança do perímetro em Fátima durante a visita do Papa Bento XVI em 2010. Outro referiu ter participado no âmbito de ordem pública no evento desportivo de futebol Euro Sub-21 em 2006, greve dos camionistas em 2008, várias Taças da Liga de Futebol no estádio de Faro/Loulé e ainda várias missões de busca e salvamento (não referindo quais). Por último, o restante elemento disse que participou numa operação de busca de um fugitivo desaparecido em Pêro Pinheiro este ano (2012).

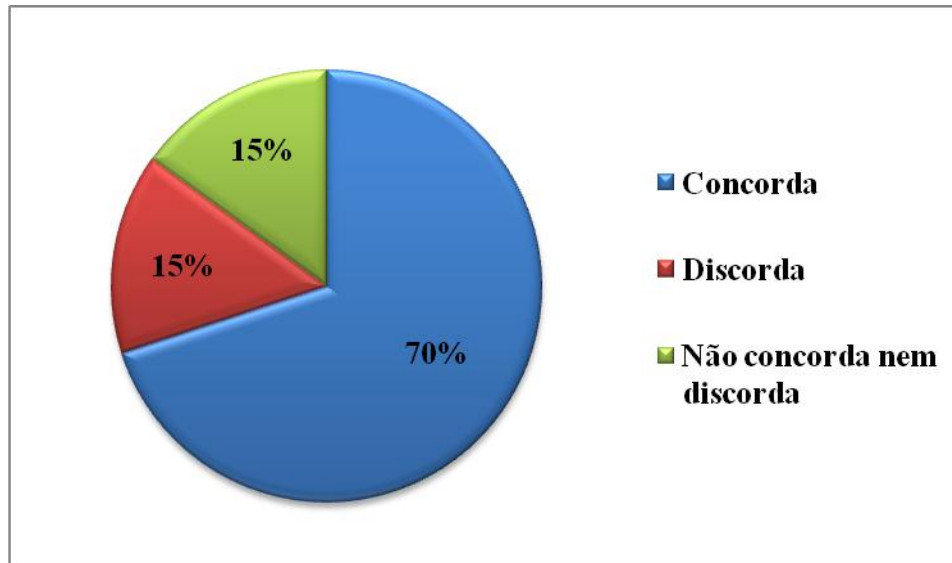
O elemento pertencente à PSP disse que participou em inúmeras operações entre as quais destacou várias missões de ordem pública, nomeadamente em jogos de futebol e manifestações.

⁸ Agência Europeia de Gestão da Cooperação Operacional nas Fronteiras Externas (Frontex) : “A Agência FRONTEX coordena a cooperação operacional entre os Estados-Membros no domínio da gestão das fronteiras externas; apoia os Estados-Membros na formação dos guardas de fronteiras nacionais, incluindo a definição de normas de formação comuns; realiza análises de risco; acompanha a evolução da investigação relevante em matéria de controlo e vigilância das fronteiras externas; apoia os Estados-Membros em circunstâncias que exijam assistência operacional e técnica reforçada nas fronteiras externas; e faculta aos Estados-Membros o apoio necessário no âmbito da organização de operações conjuntas de regresso [...] A Agência FRONTEX reforça a segurança nas fronteiras, assegurando a coordenação das acções dos Estados-Membros na aplicação de medidas comunitárias relacionadas com a gestão das fronteiras externas.” (Agência Europeia de Gestão da Cooperação Operacional nas Fronteiras Externas, 2012)

4.1.5. Apresentação e análise da questão nº 5

A questão nº 5 aborda os entrevistados procurando saber se concordam que o tempo de treino e especialização dado ao binómio é suficiente. O seguinte gráfico (figura nº 9) apresenta os resultados obtidos à questão.

Figura nº 9 - Apresentação dos resultados da questão nº 5



Analisando o gráfico temos que 70% dos entrevistados concorda que o tempo dado ao binómio para o treino e especialização é suficiente. Contudo, 15% Discorda e 15% não expressam qualquer resposta.

Os que concordaram manifestaram a ideia que o tempo é suficiente gerindo bem o tempo de treino, que existe contacto diário e ainda que se existisse mais tempo e locais de treino e material, seria ainda mais adequado.

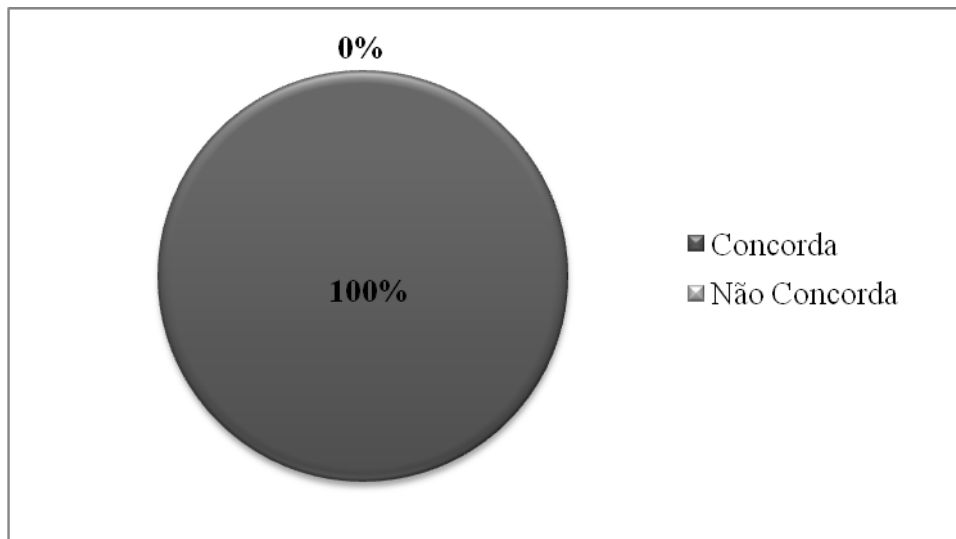
Os que discordam e que apresentaram justificação dizem que mais tempo seria adequado.

Aqueles que não concordam nem discordam dizem que mais tempo seria adequado e ainda que o trabalho nunca está acabado.

4.1.6. Apresentação e análise da questão nº 6

A questão nº6 aborda os entrevistados procurando responder se poderia ser aproveitada a ligação com outros ramos das Forças Armadas, Forças de Segurança e mesmo entidades da Proteção Civil, para a especialização dos binómios, aumentando o conhecimento e minimizando os meios e recurso. Os resultados são evidenciados na figura nº 10 seguidamente ilustrado.

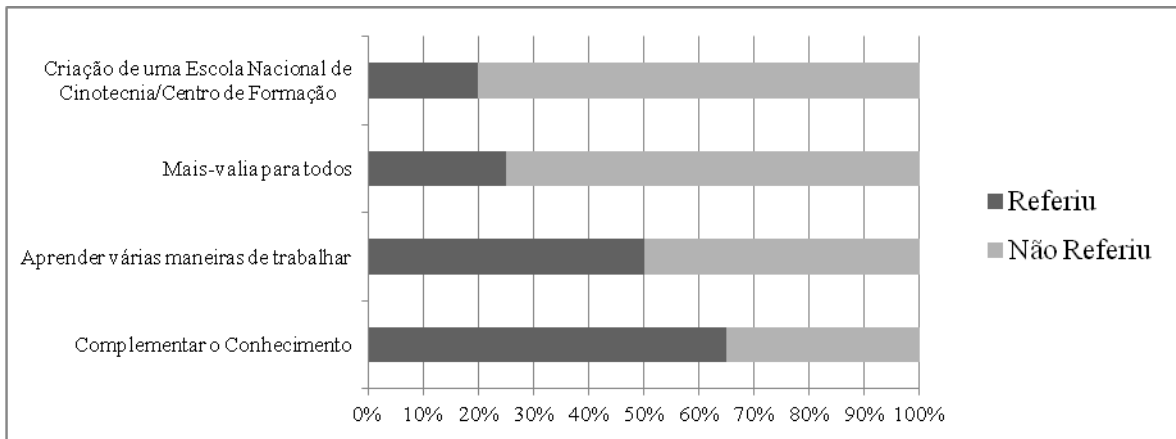
Figura nº 10 - Apresentação dos resultados da questão nº 6



Visto o gráfico, a totalidade dos entrevistados (100%) concorda que poderia existir essa ligação.

Contudo, aqueles que apresentaram a justificação, disseram que era bom, do ponto de vista de complementar o conhecimento, aprender várias maneiras de trabalhar, ser uma mais-valia para todos e ainda que se poderia criar uma Escola Nacional de Cinotecnia/Centro de Formação (figura nº 11).

Figura nº 11 – Apresentação da justificação da questão nº 6

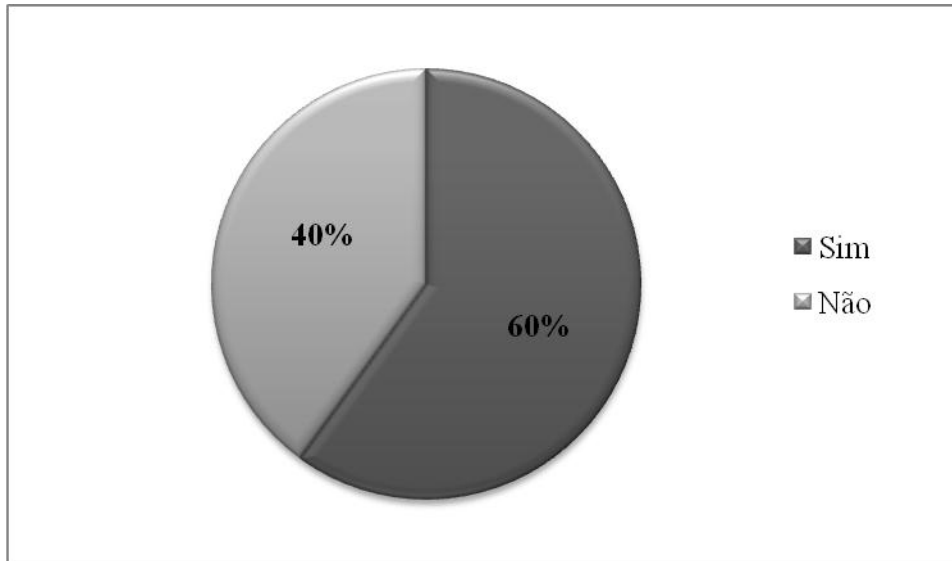


Assim, e analisando o gráfico, 20% dos entrevistados referiu que se poderia criar uma Escola Nacional de Cinotecnia/Centro de Formação, 25% referiu que seria uma mais-valia para todos, 50% referiu que seria uma maneira de aprender várias maneiras de trabalhar e 65% referiu que seria uma forma de complementar o conhecimento.

4.1.7. Apresentação e análise da questão n.º 7

A questão nº7 pergunta aos entrevistados se "Os binómios estarão preparados para intervir perante cenários de catástrofe no auxílio da população e outras forças?" ao que respondem com sim ou não. A resposta a esta pergunta apresenta-se ilustrada no gráfico seguidamente ilustrado.

Figura nº 12 - Apresentação dos resultados da questão nº 7



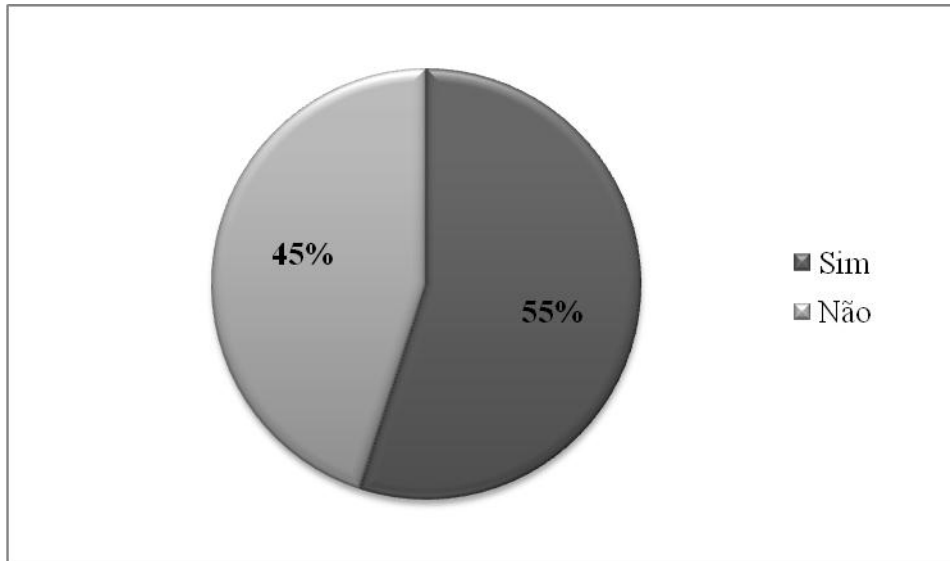
Analisando o gráfico (figura nº 12) foram obtidas 60% de respostas afirmativas e 40% de respostas negativas.

Contudo, alguns dos entrevistados justificaram a sua resposta afirmativa como podendo intervir no âmbito de ordem pública, segurança e poderem intervir na ajuda da população. Os que justificaram a resposta negativa referiram que não têm treino especializado para tal, apenas poderiam ajudar e que poderia ser de todo o interesse das Forças Armadas a especialização nessa área.

4.1.8. Apresentação e análise da questão nº 8

Referente a esta questão perguntou-se aos entrevistados se “Os binómios estarão preparados ou poderiam ser usados perante novas ameaças”, pergunta da qual se obtiveram respostas de sim ou não e algumas justificações às mesmas. O seguinte gráfico ilustra a congruência dos dados obtidos (Sim ou Não).

Figura nº 13 - Apresentação dos resultados da questão nº 8



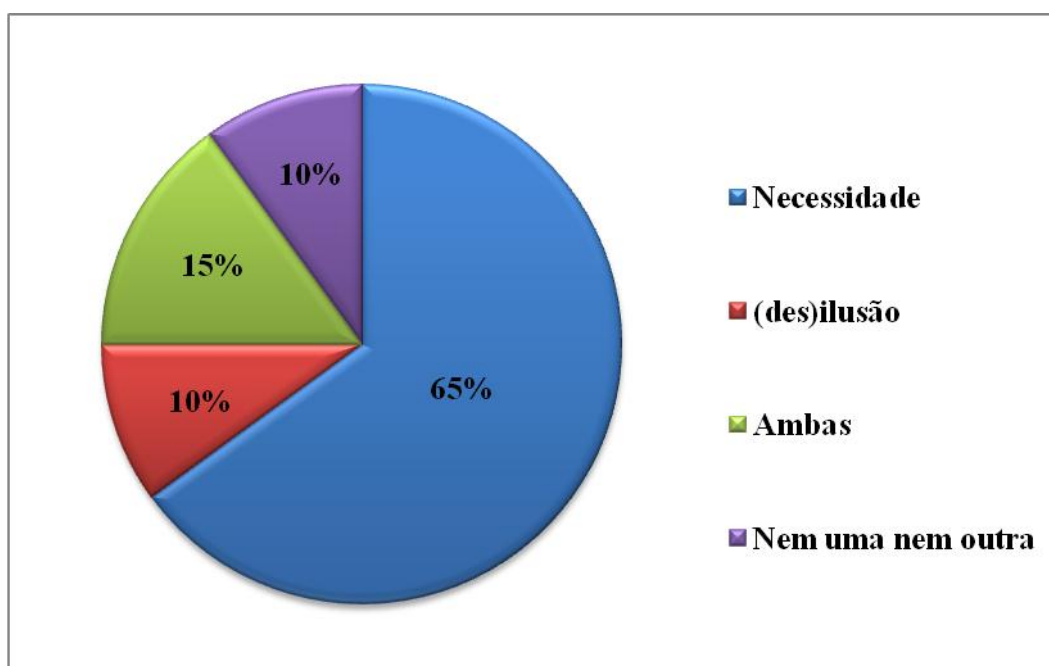
Com a análise do gráfico (figura nº 13) visualizamos que 55% dos entrevistados responderam que os binómios estarão preparados ou poderiam ser usados perante novas ameaças e 45% respondeu que não.

Contudo, 36% dos que responderam que sim acrescentaram que necessitavam ainda de mais treino. Dos 45% que responderam que não, 33,3% justificaram que não tinham treino para tal, 11,1% que era necessário entender a nova ameaça e só depois desenvolver o ataque.

4.1.9. Apresentação e análise da questão nº 9

Nesta última questão, pergunta-se aos entrevistados se acham “...que a cinotecnia é uma necessidade ou uma (des)ilusão?”, da qual se propõem respostas como sendo necessidade, (des)ilusão, ambas ou nem uma nem outra. A figura nº 14 ilustra as percentagens das respostas.

Figura nº 14 - Apresentação dos resultados da questão nº 9



Analisando o gráfico acima ilustrado, verificamos que grande parte dos entrevistados respondeu que a cinotecnia é uma necessidade (65%), 15% respondeu que a cinotecnia é uma necessidade e ao mesmo tempo uma (des)ilusão, 10% respondeu que a cinotecnia é apenas uma (des)ilusão e os restantes 10% não fizeram referência que é uma necessidade, uma (des)ilusão ou ambas.

4.2. Discussão de resultados

Neste subcapítulo são discutidos os resultados obtidos, através dos quais são justificadas as concordâncias e as discordâncias dos resultados para responder à problemática da investigação.

Contudo é importante referir o seu significado para a investigação, assim como as suas implicações e suas relações com a restante investigação. Para isso, vamos discutir os resultados apresentados e analisados a cada uma das questões do subcapítulo anterior com os assuntos abordados na restante investigação.

4.2.1. Discussão de resultados da questão nº 1

De acordo com a pergunta a esta questão na qual, 45% dos entrevistados referiram que a cinotecnia poderia contribuir para o futuro com a facilitação da resolução de problemas e 45% referiu que poderia apresentar novas técnicas de trabalho. Isto indica que, a cinotecnia no futuro pode contribuir tecnicamente para, perante a resolução de problemas encontrados e se for possível o emprego dos cães, facilitar e contribuir para o sucesso das operações.

Assim como referido no início da investigação, segundo Allsop (2011), atualmente o emprego dos cães nas operações de maior complexidade não é desvalorizado e, é notoriamente rentável o seu uso.

Contudo, toda a amostra refere um contributo cinotécnico positivo para o futuro, em concordância com o estudo realizado, por isso, os cães e o seu emprego é um grande contributo para o futuro.

4.2.2. Discussão de resultados da questão nº 2

Relativamente à questão nº 2 e de acordo com a apresentação e a análise dos resultados obtidos nas entrevistas, foram apresentados tanto vantagens como desvantagem.

As vantagens mais valorizadas pela amostra foram a eficácia/eficiência de trabalho, desenvolvimento de conhecimento e o sentido apurado dos canídeos (45%, 30%, e 30%, respetivamente). Ainda foi apresentada por 20% dos entrevistados o uso no trabalho de deteção.

Referindo-se às desvantagens, nem todos os entrevistados lhes fizeram menção, não encontrando nenhuma ou mesmo dizendo serem anuladas, devido ao grande número de vantagens existentes. Contudo as desvantagens mais referidas foram o tempo disponível e as condições de trabalho (ambas citadas por 20% da amostra).

No decorrer da investigação foi apresentado que o uso dos cães é notoriamente rentável, do qual o Homem aprendeu a utilizar os seus sentidos, contribuindo para sucesso das operações e outras tarefas onde são utilizados, possuindo muitas vantagens sobre as novas tecnologias. Segundo Allsop (2011) e referido durante a investigação, o uso dos cães é rentável e uma mais-valia, sendo um único binómio capaz de fazer o trabalho de vários

homens (eficaz multiplicador de forças). Contudo, o cão pode conter falhas na sua formação, podendo também falhar, mas tudo depende do seu treino, características e empenhamento.

Podemos então dizer que o uso dos cães contribui para o sucesso das operações e realização de tarefas de um modo eficaz e eficiente devido a possuir um conjunto de características positivas, mas não é um ser perfeito que pode substituir outro ser ou equipamento tecnológico, ou seja, pode complementar o trabalho mas não substitui nem é substituído.

4.2.3. Discussão de resultados da questão nº 3

Relativamente à questão feita aos entrevistados sobre, se a especialização dos cães é adequada às tarefas que desempenham, obtivemos 90% de concordância, sendo as especializações referidas a guarda, segurança, pistagem, patrulha, busca e salvamento e deteção. Porém existem entrevistados que dizem ser necessário novas especializações.

Os 10% que responderam que não, pertencem à Polícia Aérea, mas de acordo com a missão do Centro de Treino Cinotécnico da Força Aérea (CTCFA) que é “Ministrar cursos de instrutores, monitores e tratadores de cães militares nas vertentes de guarda, deteção de droga e explosivos e, ainda, promover estágios e treinos de conjunto, de forma a garantir a formação e proficiência do efetivo cinotécnico da Força Aérea.” (Estado-Maior da Força Aérea, 2012), são especializados para as suas missões.

De acordo com os quadros orgânicos das forças as especializações e possibilidades dos cães está de acordo com os dados obtidos.

Assim podemos referir que, a especialização das forças cinotécnicas entrevistadas é adequada às tarefas que desempenham atualmente.

4.2.4. Discussão de resultados da questão nº 4

Esta questão faz referência à participação dos entrevistados em missões com forças cinotécnicas, da qual 60% da amostra disse já ter participado e 40% não.

A existência da cinotecnia nas forças está de acordo com as suas necessidades e possibilidades, de modo a ser utilizado o cão como contributo no sucesso das operações.

Contudo as missões que a maior parte dos entrevistados pertencentes à SecCaesGuerra e à Polícia Aérea referiu como tendo participado foi a participação em exercícios conjuntos e combinados e não em operações e missões.

De acordo com os resultados, em todas as forças entrevistadas realizam missões ou operações no âmbito do seu conceito de emprego.

4.2.5. Discussão de resultados da questão nº 5

Relativamente ao assunto desta questão, a maior parte dos entrevistados concorda que o tempo dado ao binómio é suficiente para o seu treino e especialização, mas 15% não concorda e os outros 15% não referiu opinião de concordância ou discordância.

De acordo com a investigação o tempo atribuído ao treino e especialização está definido pelos escalões superiores, contudo existem sempre constrangimentos e condicionamentos sentidos nas forças cinotécnicas que fazem com que por vezes tenham de adaptar o seu tempo de dedicação tanto ao contacto como ao treino dos cães.

4.2.6. Discussão de resultados da questão nº 6

Relativamente a esta questão os dados obtidos foram de 100% de concordância de acordo com o aproveitamento da ligação com as forças cinotécnicas pertencentes a outras unidades ou entidades para a especialização dos binómios, aumentando o conhecimento e minimizando os meios e recursos. Ou seja, toda a amostra concorda com este aproveitamento.

Os entrevistados referiram que era uma forma de complementar conhecimento, aprender várias maneiras de trabalhar, sendo uma mais-valia para todos fazendo face a problemáticas variadas. Os entrevistados da GNR referiram ainda a criação de uma Escola Nacional de Cinotecnia/Centro de Formação.

Globalmente, a criação de uma Escola Nacional de Cinotecnia era de facto a melhor forma de interligar todas estas forças, assim todo o conhecimento estava centralizado num único local e era transmitido por cinotécnicos a todas as forças da mesma forma.

4.2.7. Discussão de resultados da questão nº 7

Os resultados obtidos nesta questão mostram que 60% dos entrevistados dizem que os binómios estão preparados para intervir perante cenários de catástrofe.

Este facto só se torna credível nas forças cinotécnicas das Forças de Segurança visto que têm treino especializado para tal. Durante a investigação, visitámos as instalações da GNR e PSP, as quais possuem áreas com escombros vocacionadas para o treino de busca e salvamento aproximando-se a situações reais.

Na cinotecnia dos Pára-quedistas a especialidade de busca e salvamento não existe, por isso não podem estar preparados para intervir perante cenários de catástrofe, não tendo treino especializado para tal. Contudo podem auxiliar noutras tarefas, nomeadamente na pistagem. Apesar disto, poderia ser de todo o interesse das Forças Armadas estarem preparados para intervir nestes cenários, visto que na sua missão no plano interno está previsto que as FA's participem em missões de interesse público das quais se destacam a busca e salvamento e em situações de catástrofe colaborar com o Serviço Nacional de Proteção Civil (SNPC).

4.2.8. Discussão de resultados da questão nº 8

Os dados obtidos acerca de os binómios estarem preparados para intervir perante novas ameaças mostram-nos que de acordo com 55% dos entrevistados, estão preparados e 45% não. Dos 45%, 33,3% justificaram que não tinham treino especializado para tal e 11,1% que era necessário entender a nova ameaça e só depois desenvolver um ataque para lhe fazer frente.

Contudo, depende do tipo de ameaça que falamos. Se falarmos de uma ameaça NBQR a limitação para o emprego em missões é um problema para todas as forças, visto que os cães são afetados pelos agentes assim como os humanos. Contudo se pouparmos

vidas humanas usando um cão para a deteção destes agentes é uma mais-valia, mas vamos sempre perder efetivo canino, por isso mais vale usar equipamento e tecnologia vocacionada para detetar a presença de agentes NBQR visto que está suficientemente desenvolvida para tal.

Além disto e concordando com o 1º Sargento Paraquedista Baptista, é sempre necessário entender a nova ameaça e o seu tipo e só depois desenvolver o ataque para lhe fazer frente. Se for justificado o emprego dos cães no âmbito da nova ameaça e se assim estiverem treinados para tal, utilizam-se, senão, especializam-se (de acordo com a possibilidade de ministrar formação) os cães e desenvolve-se o respetivo ataque.

4.2.9. Discussão de resultados da questão nº 9

Relativamente a opinião dos entrevistados sobre a cinotecnia ser uma necessidade ou uma (des)ilusão os resultados eram os esperados, da qual 65% dos entrevistados disse que a cinotecnia é uma necessidade. Os entrevistados debruçam-se sobre ser necessidade para as forças, para a população, para uma eficiência de trabalho e não existir substituição para o meio cinotécnico. Os 10% que dizem ser uma (des)ilusão justificam com o facto de terem pouco emprego operacional e realizarem muitas demonstrações (entrevistados da SecCaesGuerra) e o escalão superior não valorizar o trabalho da cinotecnia (PA). Outros 15% disseram ser ambas pelas justificações anteriormente referidas. Os 10% que dizem nem ser uma nem outra, dizem apenas ser importante.

No entanto, com a investigação, a cinotecnia é uma necessidade para as forças que a possuem e para a eficiência do seu emprego, contudo também se torna numa (des)ilusão para os homens que nelas servem quando não são empregues no âmbito operacional, efetuando apenas demonstrações e quando o seu trabalho não é valorizado. Ou seja, é uma necessidade para a instituição, mas do ponto de vista de emprego tático. Nomeadamente para as tropas paraquedistas torna-se numa (des)ilusão para os militares que a aplicam no terreno.

Capítulo 5

Conclusões e Recomendações

5.1. Conclusões

Este subcapítulo está dividido em dois, perguntas derivadas e pergunta de partida.

Concluindo o trabalho de investigação e depois da apresentação, análise e discussão dos resultados obtidos através análise das entrevistas, e revisão da literatura, vamos responder à *Pergunta de partida* e, para isso, é necessário responder às *perguntas derivadas*.

5.1.1. Resposta às perguntas derivadas

Para responder à pergunta de partida desta investigação científica foram elaboradas seis perguntas derivadas.

A primeira pergunta derivada foi a seguinte: *Cinotecnia. Necessidade ou (des)ilusão?*. Respondendo a esta pergunta, apoiando-nos na pesquisa e na análise bibliográfica, podemos afirmar que a cinotecnia é uma necessidade para as forças que a possuem, contribuindo com todas as suas possibilidades para o cumprimento das várias missões onde são empregues.

A segunda pergunta derivada foi a seguinte: *Novas especializações ou adaptação das atuais?*. De acordo com a investigação, as especializações das forças cinotécnicas são várias, dependendo das U/E/O a que fazem parte. Cada força cinotécnica é especializada segundo a finalidade da unidade. No Exército Português as especializações são: cães de patrulha (segurança e guarda de instalações) referente à SecCaesGuerra e cães de patrulha (busca de indivíduos, controlo de tumultos e deteção de suspeitos) e deteção de explosivos.

A terceira pergunta derivada foi a seguinte: *Vantagens e desvantagem?*. Respondendo a esta pergunta, tendo em conta a análise das entrevistas e a análise

documental, as vantagens da cinotecnia assentam nomeadamente na eficácia e eficiência do trabalho canino e nos sentidos apurados que os canídeos possuem, estando sempre a desenvolver o conhecimento acerca das suas capacidades. Contudo, as desvantagens são nomeadamente o condicionamento canino perante as condições meteorológicas, condições de trabalho onde estão sediadas as forças e o emprego perante situações NBQR.

A quarta pergunta derivada foi: *Poderia ser aproveitada a ligação com a GNR para se especializarem alguns binómios da Secção de Cães de Guerra da Companhia de Serviços do Batalhão Operacional Aeroterrestre da Escola de tropas Para-quedistas (SecCaesGuerra/CS/BOAT/ETP), na vertente de Busca e Salvamento e deteção de emigrantes clandestinos nas fronteiras, para aplicação em missões do Exército Português?* A resposta a esta pergunta é sim. A GNR especializa os cães na vertente de deteção de odor humano (busca e salvamento e pistagem) e participa neste tipo de missões (ex. cooperação com a Agencia Frontex). Contudo é indicada para especializar alguns binómios da SecCaesGuerra para a aplicação em missões do Exército Português (ex.: operar checkpoints e busca e salvamento).

A quinta pergunta foi a seguinte: *Poderia ser aproveitado o Centro de Instrução Cinófila da PA sediado em Ovar para formar as unidades cinotécnicas do Exército, minimizando meios e recursos?* Mediante a análise das entrevistas feitas e análise bibliográfica a resposta é sim, visto ministrarem cursos nas vertentes de guarda, mas estando de acordo com os entrevistados da GNR a criação de uma Escola Nacional de Cinotecnia para todas as forças seria mais adequado.

A sexta e última pergunta derivada foi a seguinte: *Os binómios da Secção de cães de Guerra poderiam estar preparados para intervir em auxílio das populações perante cenários de catástrofe?* Respondendo a esta pergunta mediante a investigação realizada, não. Pois não tem treino especializado para tal. Contudo, devido ao contacto direto com a população poderia ser uma mais-valia para a divulgação do Exército. Além disso a sua componente aeroterrestre poderia ser uma mais-valia em situações deste tipo, nomeadamente pela velocidade de acesso. Este assunto poderá ser alvo de novos estudos.

5.1.2. Resposta à pergunta de partida

A pergunta de partida para esta investigação científica foi a seguinte: *Que contributo poderá dar a Cinotecnia para os novos desafios que se impõem ao Exército*

Português?. Com o apoio das respostas às perguntas derivadas, análise das entrevistas e a análise bibliográfica realizada durante a investigação, podemos concluir que a cinotecnia contribui eficientemente na resolução de tarefas/situações nos Teatros de Operações, inovando técnicas de trabalho. Assim, como investigado, o cão não substitui, nem é substituído, por nenhum instrumento tecnológico, mas pode realizar trabalho equivalente, pois possui sentidos apurados, ainda que condicionados pelas condições meteorológicas.

Contudo, o facto de não existir no Exército Português qualquer norma superior sobre o uso dos cães militares, nomeadamente no que diz respeito à especificação do tipo de missões em que podem ser empenhados, à forma de efetuar o treino operacional e verificar competências ou simplesmente ao uso da força com o recurso a uma arma não letal que é o cão, limita o seu espectro de ação dentro desta força.

5.2. Recomendações

Durante a investigação surgiram algumas problemáticas relacionadas com a cinotecnia, entre as quais, em comunicação pessoal com o Capitão André Fonseca e o 1º Sargento PA Nuno Benedito, foi interrogado o porquê de na orgânica das secções da PE existirem equipas de deteção de explosivos formadas por três binómios quando o correto é serem dois binómios – um de deteção e um de confirmação. Além disso, a formação de deteção de explosivos é uma área sensível que não é dada pelas restantes Forças (FAP, PSP e GNR) a militares contratados.

Como referido e relacionado com o parágrafo, urge criar instrumentos normativos enquadrantes dos cães de trabalho militar, algo que pode ser alvo de outros estudos.

Capítulo 6

Bibliografia

Agência Europeia de Gestão da Cooperação Operacional nas Fronteiras Externas. (2012). *Agências da UE*. Obtido em 10 de Julho de 2012, de Europa.eu: http://europa.eu/agencies/regulatory_agencies_bodies/policy_agencies/frontex/index_pt.htm

Allsop, N. (2011). *Cry Havoc*. Australia: New Holland Publishers Pty Ltd.

BBC. (28 de Julho de 2010). *Estudo indica que cães imitam movimentos dos donos*. Obtido em 6 de Abril de 2012, de Estadão: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,estudo-indica-que-caes-imitam-movimentos-dos-donos,587226,0.htm>

Beaver, B. V. (2009). *Canine behavior: insights and answers* (Vol. Second edition). Elsevier.

Bruce Folge, T. M. (2000). *The New Encyclopedia of the Dog*. New York: Dorling Kindersley.

Department of the Army. (4 de Junho de 2007). *Military Working Dog Program*. *Army Regulation*. Washington, DC, USA: Electronic Publishing System.

Dinets, V. (2007). *Dog Domestication*. Obtido em 5 de Abril de 2012, de Vladimir Dinets Homepage: <http://dinets.travel.ru/dogs.htm>

Escola de Tropas Pára-quedistas. (2006). *50 Anos*. Praia do Ribatejo: Escola de Tropas Pára-quedistas.

Estado-Maior da Força Aérea. (2012). *Estrutura da Força Aérea*. Obtido em 7 de Julho de 2012, de Força Aérea Portuguesa: <http://www.emfa.pt/www/mobile/unidade-82-centro-de-treino-cinotecnico-da-forca-aerea>

Estado-Maior do Exército. (29 de Julho de 2009). Quadro Orgânico, 1º Esquadrão de Polícia do Exército.

Estado-Maior do Exército. (08 de Fevereiro de 2010). Quadro Orgânico, Batalhão Operacional Aeroterrestre.

Gil, C. A. (1999). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Editora Atlas S.A.

Guedes, L., & Alves, R. (s.d.). Elementos de Armamento. *Evolução Histórica do Armamento*.

Ishibe, L. M. (2011). *Trabalho de Detecção Olfativa*. Obtido em 7 de Abril de 2012, de Nozica: http://www.nozica.com.br/?_p=19&_c=134&_cnt=492

LaFontaine, B. (1997). *Great Inventors and Inventions*. New York: Dover Publications, Inc.

Lima, H. (Setembro de 2007). 50 Anos dos cães de guerra nas tropas pára-quedistas portuguesas. *Boina Verde*, pp. 9-17.

Lima, H. (Setembro de 2010). Equipas de Busca e Salvamento. *Boina Verde*, pp. 6-8.

Macpherson, C. N., Meslin, F. X., & I.Wandeler, A. (2000). *Dogs, Zoonoses and Public Health*. New York: CABI Publishing.

Priberam. (2012). *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Obtido em 12 de Maio de 2012, de Priberam Informática, S.A.:

<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=homeostasia>

Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1995). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Regimento de Caçadores Pára-Quedistas. (1969). *O Cão de Guerra - Manual para o emprego de cães exploradores*. Tancos.

Sarmiento, M. (2008). *Guia Prático sobre a Metodologia Científica para a elaboração, Escrita e Apresentação de Teses de Doutoramento, Dissertações de Mestrado e Trabalhos de Investigação Aplicada*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.

Tausz, B. (1997). *Dicionário de Cinologia*. São Paulo: Livraria Nobel S.A.

Tukman, B. W. (2000). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Apêndices

Apêndice A – Guião de Entrevista



ACADEMIA MILITAR

**ASPIRANTE-ALUNO DE INFANTARIA JOÃO PEDRO SILVA
SOUSA**

Orientador: Capitão Veterinário André Filipe Ferreira Dias Pereira da Fonseca

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Tema: *A Cinotecnia no Exército Português para o Século XXI. Novos Cenários, Novos Desafios*

Entrevistados: (Ver Quadro 1 – Lista de Entrevistados)

Objetivos Gerais: Recolher dados sobre a temática, informação relativa às perceções que os militares ligados à cinotecnia possuem acerca da conjuntura atual, poder ser uma mais-valia nos Teatros de Operações atuais e a possibilidade de ligação com outras forças cinotécnicas no âmbito da sua especialização.

Dados Sociográficos:

- Nome
- Posto/Função
- Idade
- Ano de Ingresso no quadro
- U/E/O de colocação atual
- Unidades de colocação
- Missões no estrangeiro

Formulário de Questões:

1. Que contributo poderia dar a cinotecnia para o futuro?
2. Quais são as vantagens e desvantagens que encontra na cinotecnia?
3. A especialização dos cães é adequada às tarefas que desempenham? Quais são?
4. Já participou em alguma missão envolvendo forças cinotécnicas? Se sim, onde, quando e com que propósito?
5. No que diz respeito ao treino e especialização, o tempo dado ao binómio é suficiente?
6. Acha que se poderia aproveitar a ligação com outros ramos das Forças Armadas, Forças de Segurança e mesmo entidades da Proteção Civil, para a especialização dos binómios, aumentando o conhecimento e minimizando os meios e recursos?
7. Os binómios estarão preparados para intervir perante cenários de catástrofe no auxílio da população e outras forças?
8. Os binómios estarão preparados ou poderiam ser usados perante novas ameaças?
9. A cinotecnia é uma necessidade ou uma (des)ilusão?

Apêndice B - Resumo das Respostas à Questão nº 1

E1	“Maior facilidade de emprego [...] participar em missões”
E2	“ [...] contributo em missões. Para segurança de altas entidades”
E3	“[...] poderá facilitar a resolução de futuros problemas, se houver.”
E4	“Mais segurança para a população”
E5	“Conhecimentos e aprendizagens para se transmitir”
E6	“[...]continuar a desenvolver novas técnicas de trabalho.”
E7	“[...]empregue em qualquer tipo de situações e ambientes, obtendo sempre resultados excelentes onde o militar por si só não consegue atingir tais resultados.”
E8	“Promover o treino de cães não só na vida militar como na civil.”
E9	“[...]melhoria de táticas [...] devido a este ser melhor que o homem em muitos aspetos”
E10	“Os meios cinotécnicos são eficazes na sua especialidade, e mesmo naquelas onde existam outros meios que possam desempenhar esse tipo de serviço [...]”
E11	“Utilizar mais os cães em situações de instrução e situações reais”
E12	“Trabalho, dedicação e se possível inovação.”
E13	“Especialização de binómios para uma segurança mais eficaz”
E14	“Em conjunto com os meios passivos (câmaras de vigilância), empregar as equipas cinotécnicas apenas em ações de intervenção [...]”
E15	“Mais especializações cinotécnicas”
E16	“[...] criação de uma Escola Nacional de Cinotecnia [...] procriação [...]certificação de cães de busca e salvamento, vamos seguir um modelo parecido com o espanhol.”
E17	“[...]mais-valia em praticamente todas as áreas [...]rentabilizar as capacidades do animal”
E18	“[...] realizar tarefas na área da deteção, com elevada eficácia e rapidez [...]poupança de meios humanos”
E19	“ [...] penso ser sempre uma mais-valia a utilização dos cães nas suas mais diversas áreas”
E20	“Para o futuro da sociedade, servir a população, as Forças Armadas e as Forças de Segurança.”

Apêndice C - Resumo das Respostas à Questão nº2

E1	“[...] conhecemos outras maneiras de trabalhar, podemos participar em missões [...] participamos em demonstrações [...] sermos poucos, por isso somos sobrecarregados de serviços.”
E2	“[...] audição mais apurada [...] não ter mais oportunidades de missões”
E3	“[...]sendo nós poucos, a união é maior e partilha-se mais conhecimentos sobre os canídeos logo facilita a aprendizagem.”
E4	[...]vai cada vez desenvolvendo mais e para melhor [...]não esta desenvolvida o quanto devido para os novos cenários.”
E5	“Vantagens em estar preparado para varias situações, desvantagens a nível de equipamento.”
E6	“As vantagens são ficar a perceber bastante sobre cães.”
E7	“[...]missões de segurança com maior eficácia; deteção de engenhos explosivos, ou improvisados, deteção de emboscadas, deteção de rasto inimigo [...] as desvantagens da cinotecnia são as condições meteorológicas desfavoráveis na deteção/busca”
E8	“[...] área muito vantajosa, aprende-se a lidar com os cães e a saber técnicas [...] e poder ajudar outras pessoas”
E9	“A vantagem é que se aprende muita coisa para trabalhar e ensinar [...] desvantagens só derivadas ao tempo, pois é preciso muita dedicação para com o cão”
E10	“Muitas vidas são salvas, bastava uma para justificar qualquer vantagem. As desvantagens prendem-se com o facto de se tratar de uma área muito técnica e que requer um acompanhamento/supervisão muito próximo, bem como alguns meios que lhe permitam aumentar a mobilidade.”
E11	“Vantagens: poder trabalhar em binómio com um animal que tem capacidades que um ser humano não tem. Desvantagens: muitas vezes não dão valor ao nosso trabalho”
E12	“Vantagens [...] detetar e neutralizar um intruso, e o cão como meio dissuasor [...] desvantagens: mal uso do cão, tempo de trabalho insuficiente [...]”
E13	“Desvantagem: métodos antiquados para aquilo que acontece na realidade”
E14	“Vantagens: uso das características inatas dos canídeos. Desvantagens: falta de preocupação por parte das entidades responsáveis”
E15	“Vantagens: trabalho do binómio. Desvantagem: pouco tempo e trabalho gastos com os canídeos”

E16	“Vantagens: Potencialidade do cão de acordo com a respetiva função (economia de meios, uso da força controlado, controlo de distúrbios, dissuasão psicológica, área das buscas (1 cão para não usar 10 homens; Ligação suspeito a uma viatura), economia de tempo no trabalho (deteção) [...] desvantagens: pouca informação com base científica, atividade demasiada empírica em que há a tendência para não se “escrever” e divulgar e a informação é mal passada.”
E17	“ Vantagens: [...] interesse para o serviço policial [...] eficiência e rendimento muito superior [...] efeito psicológico dissuasor [...] desvantagens: períodos de utilização mais reduzidos, treino diário [...]”
E18	“A desvantagem principal tem a ver com o elevado rigor técnico que o treino animal exige que se traduz em horas de formação [...] A vantagem principal é o baixo custo da manutenção de um cão, considerando a sua elevada eficácia [...]”
E19	“Vantagens será a presença dos cães que são utilizados nas áreas de ordem pública, nas áreas de deteção é nos muito mais fácil procurar algo. Desvantagem o principal penso ser a fadiga do cão.”
E20	“Vantagens: o cão desempenha missões que o humano não consegue, melhor que a tecnologia. Eficiência de trabalho [...] A formação do cão é mais económica do que a formação de um homem na mesma área [...]Trabalho da deteção de droga, explosivos, busca e salvamento (Sentido dos Canídeos) [...] Desvantagens: se comprado, o cão sai caro.”

Apêndice D - Resumo das Respostas à Questão nº3

E1	“Sim, é adequada. Os nossos cães são trabalhados para fazer guarda de instalações.”
E2	“Sim são adequadas, guarda e patrulha e segurança.”
E3	“Sim, a nível de pistagem, obediência e guarda.”
E4	“Sim. São a guarda e segurança.”
E5	“Sim, nível de segurança.”
E6	“Sim, em parte, pois treinamos a guarda [...]”
E7	“Sim [...] âmbito da segurança militar.”
E8	“Nós treinamos cães para [...] a segurança, para fazerem guarda de instalações”
E9	“Sim”
E10	“Claro que sim[...]”
E11	“Sim, guarda”
E12	“Não, a maneira como é feita a guarda dos aviões não é a melhor para tirar o máximo rendimento do cão.”
E13	“Falando na missão da Força Aérea sim [...]”
E14	“Não [...]”
E15	“Sim, trabalhamos com os cães para guarda e acho que é adequado.”
E16	“Sim [...]”
E17	“Na minha opinião sim [...] uso da força (guarda e patrulha) e deteção.”
E18	“A solução da GNR passa por ter cães que são especializados apenas numa área, por exemplo deteção de drogas, explosivos, pessoas, cadáveres, sangue, etc.... Contudo, um tratador pode ter vários tipos de cães, o contrário é que não.”
E19	“Sim, Guarda patrulha, intervenção tática, ordem pública, guarda de instalações”
E20	“Sim sem sombra de dúvida, no âmbito da ordem pública, explosivos, droga armas, busca e salvamento e intervenção tática.”

Apêndice E - Resumo das Respostas à Questão nº4

E1	“Sim, mas foi fora do nosso âmbito, uma situação de busca e salvamento [...] perto no rio Zêzere”
E2	“Não”
E3	“Não”
E4	“Sim. Numa busca a um soldado desaparecido no rio Zêzere.”
E5	“Não”
E6	“Não”
E7	“Sim, já participei na segurança da cimeira da NATO em 2010, com uma equipa de 7 binómios no quartel do Joint Command Lisbon.”
E8	“Não”
E9	“Não”
E10	Sim [...] muitas missões de âmbito policial da responsabilidade de Unidades da Guarda ou da Polícia Judiciária (forças com binómios de guarda/patrolha, deteção de droga e deteção de explosivos), de manutenção da ordem pública (Ponte 25 de Abril, em Junho de 2004) e ainda de busca e salvamento por ocasião de terramotos (Faial -Açores 1998, Turquia 1999, Marrocos 2003, Irão 2003/04).
E11	“Não”
E12	“Sim, em Penamacor. No auxílio ao curso de fuga e evasão.”
E13	“Sim, durante o exercício de fuga e evasão em Penamacor com a finalidade de detetar e deter o pessoal em fuga.”
E14	“Sim, na base aérea nº5 no âmbito de um exercício internacional de F16”
E15	“Não”
E16	“Muitas, com maior dimensão foi o Euro 2004 (ordem pública, deteção de drogas, armas e explosivos nas fronteiras), em conjunto com a PSP. Na Expo 98 da mesma forma como no Euro. Participar em operações com a Agência Frontex (estamos a participar entre fevereiro e outubro), com uso da força e deteção de odor humano nas fronteiras da UE.”
E17	“Missões apenas de serviço de carácter nacional, como por exemplo segurança a eventos desportivos (jogos de futebol), outro tipo de eventos (vinda do Papa Bento XVI a Portugal em 2010), situações de manutenção de ordem pública (Greve dos camionistas, Mar2011), etc”
E18	“Já estive envolvido em muitas operações puras de manutenção de ordem pública, das quais destaco todo o Euro Sub 21 em 2006, muitas finais da Taça da Liga no estádio de Faro/Loulé, ou grande greve dos camionistas em 2008, etc. Já coordenei muitas operações de buscas de desaparecidos porque uma das principais missões da cinotecnia é busca de pessoas desaparecidas.”
E19	“Sim, Pêro Pinheiro em julho 2012, na fuga de um suspeito que tentou fazer um furto.”
E20	“Ordem pública: jogos de futebol, manifestações. Exercício da Força Aérea o Canicross em 2012, no qual fui chefe da delegação. Também fazemos treinos conjuntos com a Força Aérea, GNR e outros ramos das Forças Armadas.”

Apêndice F - Resumo das Respostas à Questão nº5

E1	“Sim é suficiente, no meu ver.”
E2	“Penso que sim, mas é preciso gerir o tempo”
E3	“Sim, embora treine-mos menos devido a manutenção da secção”
E4	“Por mais tempo que se tenha nunca é o suficiente [...]”
E5	“Sim”
E6	“Eu penso que sim, até porque estamos diariamente com os nossos cães”
E7	“Sim, é suficiente”
E8	“Sim, durante toda a formação o objetivo é aprender as técnicas [...]”
E9	“Talvez um pouco mais de tempo seria o adequado”
E10	“Depende dos cães, depende dos tratadores, depende dos binómios, depende da especialização [...]”
E11	“Sim”
E12	“É suficiente para iniciação [...] é necessário mais tempo”
E13	“Sim, o tempo é suficiente [...]”
E14	“Não, devido ao tipo de serviço e ao facto de existirem outras responsabilidades [...]”
E15	“Acho que não, deveria ser mais tempo para que o nosso trabalho com o canídeo ser bem aproveitado”
E16	“Sim, [...] mas gostaríamos de ter mais tempo.”
E17	“Na maioria dos casos sim, embora nos últimos tempos na vertente de Guarda e Patrulha o tempo tenha escasseado em virtude do forte empenhamento operacional (aliado à falta de efetivos). Embora o maior problema associado ao treino não se prenda com o tempo mas sim com a falta de locais e de material.”
E18	“[...]Contudo, nesta área, a formação é contínua e porque o curso de entrada serve apenas para iniciar os novos militares para esta área, à posteriori deve haver um acompanhamento, periódico, do binómio assim como atualização dos conhecimentos técnicos [...]”
E19	“Sim”
E20	“Sim, creio que é suficiente, nos temos um turno dedicado à instrução, de 5 em 5 dias. A seguir à instrução existe um turno de serviço, no qual se não existir serviço operacional dedica-se à instrução. Por isso, temos sempre tempo suficiente para treinar os cães.”

Apêndice G - Resumo das Respostas à Questão nº6

E1	“Sim [...] cada ramo tem a sua maneira de trabalhar. Era bom pra nós e para os cães, complementávamos os conhecimentos”
E2	“Claro que sim [...] trabalhar com outras entidades [...] conhecer meios e métodos de trabalho diferentes dos nossos”
E3	“Penso que sim a nível de pistagem, busca e salvamento e defesa”
E4	“Sim. Porque é sempre bom mostrar novas coisas aos cães.”
E5	“Sim”
E6	“Penso que sim, porque cada um tem a sua forma de trabalhar e com isso pode-se trocar ideias, experiências”
E7	“É de todo o interesse [...], como é óbvio e se puder ir “beber” de toda a informação noutras forças, ou entidades civis melhor.”
E8	“Sim”
E9	“Claro que sim, seria em todos os sentidos uma mais-valia para todos.”
E10	“[...] Esse centro deveria ser uma realidade. Todos, em especial o Estado Português, teriam muito a ganhar com um modelo deste género.”
E11	“Sim, seria uma mais-valia para a Força Aérea”
E12	“Sim, poder-se-ia aproveitar o avanço das outras forças para evoluirmos”
E13	“Sim, claro que sim”
E14	“Sim”
E15	“Acho que sim, porque a troca de conhecimentos é sempre uma mais-valia.”
E16	“Sim, com a criação da Escola Nacional de Cinotecnia anteriormente falado e exercícios de prontidão conjunto.”
E17	“Sim, [...] ser criada uma Escola Nacional de Cinotecnia. Com vista não só à partilha de conhecimentos, de rentabilização de meios e recursos”
E18	Penso que [...] a GNR tem condições para criar a Escola Nacional de Cinotecnia [...].”
E19	“Penso que sim, temos muito a aprender uns com os outros, partilhar experiencia.”
E20	“Acho que nós aprendemos com todos e acho que todos os intercâmbios com forças de segurança e forças armadas são importantes e devem acontecer frequentemente [...].”

Apêndice H - Resumo das Respostas à Questão nº7

E1	“Os nossos cães não são treinados especialmente para esse tipo de cenários”
E2	“Sim no que toca a manutenção de ordem pública e segurança [...]”
E3	“Sim”
E4	“Sim. Porque nos estamos aqui para ajudar a população”
E5	“Não”
E6	“Penso que sim, visto que os binómios todos os dias treinam”
E7	“Não, mas seria de todo o interesse para as Forças Armadas e no que diz respeito ao Exército ter binómios preparados no que diz respeito à busca e salvamento, para que este mesmo Exército ao qual pertence começasse a ter a mesma visibilidade que os seus pares [...]”
E8	“Não. Não tem o treino especializado para isso.”
E9	“Não”
E10	“Sim e já deram imensas provas disso [...]”
E11	No nosso caso, [...] não estamos preparados para cenários desses.”
E12	“Não”
E13	“Alguns, não todos”
E14	No caso da Força Aérea [...] apenas pode ser usado na vertente da segurança, sendo então ineficaz o seu uso em situações de catástrofe.”
E15	“Não estão totalmente preparados, deveria haver mais esforços para poder aperfeiçoar esse campo de trabalho”
E16	“Sim [...]”
E17	“Sim, a GNR já aprontou binómios para este tipo de cenários”
E18	“Claramente, essa é a missão dos binómios de busca e salvamento da GNR” [...]
E19	“Penso que sim”
E20	“Sim”

Apêndice I - Resumo das Respostas à Questão nº8

E1	“Na minha opinião, não estão preparados, visto que não treinamos nesse sentido”
E2	“Sim [...] só é preciso treino e oportunidades para atuar.”
E3	“Não[...].”
E4	“Sim”
E5	“Sim”
E6	“Com treino sim, não se consegue fazer nada sem treino”
E7	“Não, perante cada ameaça é preciso ter a calma e o discernimento para poder entendê-la e só depois atacá-la com a arma necessária”
E8	“Não. Pois precisavam de treino”
E9	“Não, mas tudo depende do tipo de ameaça”
E10	“Têm sido introduzidas novas especializações, assim se desenvolvam ações onde esses binómios possam ser rentabilizados.”
E11	“Sim [...]”
E12	“Não, visto que a preparação dos binómios ficou parada no tempo”
E13	“Acho que não. Mas depende do tipo de ameaça”
E14	“Não”
E15	“Com muito trabalho estou convencido que sim”
E16	“O NBQR traz-nos uma grande limitação”
E17	“Sim [...]”
E18	“ [...] a cinotecnia é uma área muito polivalente e que rapidamente pode ser adaptada a qualquer realidade/ameaça. [...] Basta conseguirmos selecionar o odor correto, saber como manipular uma fonte de odor de modo a que seja o mais parecido com a realidade e facilmente pomos um cão a detetar o que pretendemos.”
E19	“Penso que sim”
E20	“No âmbito do NRBQ, neste momento não. Mas se fosse preciso em pouco tempo é possível treinar um cão preparado para isso.”

Apêndice J - Resumo das Respostas à Questão nº9

E1	“É uma necessidade, mas torna-se numa desilusão, visto que o que fazemos mais são demonstrações [...]”
E2	“[...]diria antes importante”
E3	“[...]uma des(ilusão) visto que acabamos só por ser utilizados para demonstrações [...]”
E4	“Necessidade, a nível da população e mesmo para o ramo militar”
E5	“Necessidade”
E6	“É uma necessidade pois sem ela os homens tinham trabalho redobrado”
E7	“Necessidade, urgente. Luz a todos os menos iluminados”
E8	“Necessidade.”
E9	“Necessidade”
E10	“A Cinotecnia é e continuará a ser uma necessidade imperiosa de serviço”
E11	“Para mim é desilusão, no sentido em que não valorizam muito o nosso trabalho”
E12	“Um pouco das duas, acho que é útil mas deveria ser remodelada”
E13	“A cinotecnia é necessária porque acaba por auxiliar as equipas de intervenção em várias situações.”
E14	“Necessidade para quem vai adquirir os cães e para quem os gere. Desilusão para quem se encontra no terreno [...]”
E15	“É uma necessidade, desempenha-se um trabalho muito importante”
E16	“É uma necessidade [...]”
E17	“Nem uma nem outra. A cinotecnia deve ser vista como uma mais-valia, e funcionar como uma importante ferramenta de apoio [...]”
E18	“Sem qualquer sombra de dúvida que é uma necessidade [...] pela enorme polivalência que este meio tem a muito baixo custo.”
E19	“Necessidade, porque em várias missões será sempre necessário recorrer à cinotecnia exemplo busca e salvamento.”
E20	“Necessidade, há muito trabalho que o ser humano não consegue chegar. O cão faz o trabalho que 10 homens não o fazem. Na deteção de odores, o cão consegue cheirar o que um homem não consegue.”

Apêndice K – Lista de Entrevistados

Nome	Posto	Unidade de Colocação	Data
Carlos Almeida	Tenente Coronel	USHE	10/07/2012
Marco Pinto	Major	GIC	02/07/2012
Tiago Pinto	Capitão	GIC	02/07/2012
Bruno Lopes	Tenente	GIC	02/07/2012
Ângelo Araújo	Subcomissário	GOC	04/07/2012
Samuel Baptista	1º Sargento	ETP	03/07/2012
Catarina Neves	1º Cabo	BA6	05/07/2012
Marco Couto	1º Cabo	BA6	05/07/2012
Nélson Lourenço	1º Cabo	BA6	05/07/2012
Diogo Magro	1º Cabo	BA6	05/07/2012
Paulo Silva	1º Cabo	BA6	05/07/2012
Ana Grangeia	2º Cabo	ETP	03/07/2012
Cláudio Oliveira	Soldado	ETP	03/07/2012
Thomas Massot	Soldado	ETP	03/07/2012
Pedro Teixeira	Soldado	ETP	03/07/2012
Flávio Sousa	Soldado	ETP	03/07/2012
Fernando Lucas	Soldado	ETP	03/07/2012
David Vences	Soldado	ETP	03/07/2012
Élio Silva	Soldado	ETP	03/07/2012
(Anónimo)	Guarda	GIC	02/07/2012

Apêndice L – Matriz de Análise das Entrevistas

Questão 1	
Que contributo poderia dar a cinotecnia para o futuro?	
Segmento 1.1	Oportunidade de emprego no exterior
Segmento 1.2	Participação em missões
Segmento 1.3	Sentido apurado dos canídeos
Segmento 1.4	Desenvolvimento do conhecimento
Segmento 1.5	Segurança da população
Segmento 1.6	Desenvolver novas técnicas de trabalho
Segmento 1.7	Atuar em qualquer tipo de ambiente
Questão 2	
Quais são as vantagens e as desvantagens que encontra na cinotecnia?	
Segmento 2.1	Sentido apurado dos canídeos
Segmento 2.2	Desenvolver o conhecimento
Segmento 2.3	Eficácia/Eficiência de trabalho
Segmento 2.4	O cão como meio dissuasor
Segmento 2.5	Condições de trabalho
Segmento 2.6	Tempo
Questão 3	
A especialização dos cães é adequada às tarefas que desempenham? Quais são?	
Segmento 3.1	Sim
Segmento 3.2	Não
Questão 4	
Já participou em alguma missão envolvendo forças cinotécnicas? Se sim, onde, quando e com que propósito?	
Segmento 4.1	Sim
Segmento 4.2	Não
Questão 5	
No que diz respeito ao treino e especialização, o tempo dado ao binómio é	

suficiente?	
Segmento 5.1	Concorda
Segmento 5.2	Discorda
Segmento 5.3	Não concorda nem discorda
Questão 6	
Acha que se poderia aproveitar a ligação com outros ramos das Forças Armadas, Forças de Segurança e mesmo entidades da Proteção Civil, para a especialização dos binómios, aumentando o conhecimento e minimizando os meios e recursos?	
Segmento 6.1	Concorda
Segmento 6.2	Discorda
Questão 7	
Os binómios estão preparados para intervir perante cenários de catástrofe no auxílio da população e outras forças?	
Segmento 7.1	Sim
Segmento 7.2	Não
Questão 8	
Os binómios estarão preparados ou poderiam ser usados perante novas ameaças?	
Segmento 8.1	Sim
Segmento 8.2	Não
Questão 9	
A cinotecnia é uma necessidade ou uma (des)ilusão?	
Segmento 9.1	Necessidade
Segmento 9.2	(Des)ilusão
Segmento 9.3	Ambas
Segmento 9.3	Nem uma nem outra

Anexos

Anexo A – Procedimento Científico

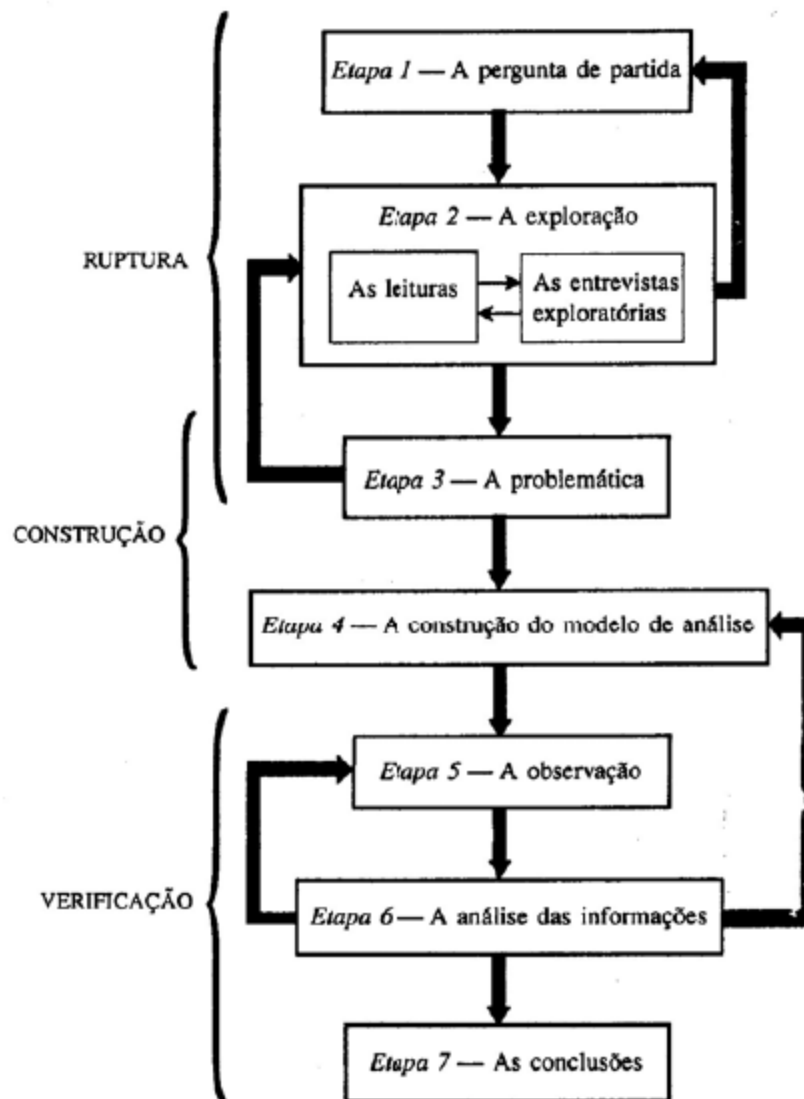


Figura 15 – Os atos e etapas do procedimento
 Fonte: (Quivy & Campenhoudt, 1995, p.27)